

ROSANE COUTINHO PEREIRA LACET

HUMBERTO NÓBREGA: um homem entre livros

João Pessoa, PB
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ROSANE COUTINHO PEREIRA LACET

HUMBERTO NÓBREGA: um homem entre livros

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa, PB
2010

ROSANE COUTINHO PEREIRA LACET

HUMBERTO NÓBREGA: um homem entre livros

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela.

Aprovada em: 09 / 07 /2010

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (UFPB)


Prof. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia
Examinadora (UFPB)


Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
Examinador (UFPB)

*Aos meus irmãos Nido, Rosa, Dida, Geia e Nau, por questionarem as
minhas ausências. Dedico!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, verdade suprema;

Aos meus pais, Néó e Nide, pelos ensinamentos de ética e moral que contribuíram para o meu crescimento como ser;

À professora Bernardina, por querer me orientar e pela compreensão nos momentos de “piti”, intransigência e teimosia;

A todos os autores, cujas palavras utilizei para a elaboração deste trabalho, fazendo minhas as palavras deles;

Aos meus sobrinhos, pelos sorrisos. questionamentos e críticas trocados como se fôssemos colegas de turma - Mário, Mano, Mana, Mari, Dé, Gui, Jerfferson, Júlio e Line;

Aos alunos, jovens aprendizes, das mais diversas disciplinas, pelo acolhimento, quando me descobriam colega de sala de aula, ajudando na minha “mania de trocar”;

A todos os que me compreenderam e incentivaram meu retorno à universidade, comprovando que a aprendizagem é uma constante na vida de qualquer ser humano;

Aos professores Edvaldo Carvalho Alves e Joana Coeli Ribeiro Garcia, por suas leituras e, sobretudo, por suas colaborações;

À Maria do Socorro Lacerda, bibliotecária do IHGP, pela atenção e compreensão em nossas pesquisas junto ao Instituto;

À Beatriz Alves de Sousa, bibliotecária da APL pela disponibilidade nas minhas vistas àquela academia;

A Rita Silva, funcionária do arquivo do Lyceu, pela colaboração e paciência;

A Johnny Rodrigues, pelos momentos de confidências e trocas de segredos;

Ao corpo docente do Curso de Graduação em Biblioteconomia (Francisca Arruda Ramalho, Eliane Paiva, Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, Carlos Xavier de Azevedo Netto, Rosa Zuleide Lima da Silva,) e, muito especialmente, às professoras Joana Coeli Ribeiro Garcia, Geysa Flávia de Lima Nascimento e Izabel França de Lima, pelos ensinamentos extra sala de aula, pelas demonstrações de carinho e respeito pelo Ser aluno;

Aos funcionários da Coordenação de Graduação em Biblioteconomia, pelo pronto e sempre presente atendimento;

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFPB, pelas dedicadas horas de partilhamento na aprendizagem pessoal e profissional, agradeço;

Ao amigo Kehrlé “carrasco alemão”, pelas sôfregas horas de espera compensadas pelo prazer de partilhar de seus saberes;

A Rejane Maria de Araújo Ferreira pela dedicação na revisão dos originais e por compreender os limites ao ato de comunicar;

A Diogo Guimarães pela tradução do resumo;

E por fim, não menos importantes, a todos os entrevistados, pela confiança em mim e pelos momentos de emoção que me proporcionaram nas suas narrativas, os meus mais sinceros agradecimentos.

A lição da amizade verdadeira. Porque durante a época que nós convivemos, eu tinha Dr. Humberto não só como amigo, mas posso até dizer como um segundo pai, porque era uma pessoa que me deu toda a atenção, amizade e confiança que muitas vezes me surpreendia. (Cícero Ernesto, 2010)

RESUMO

Reconstrói, histórica e culturalmente, a vida e a obra do paraibano Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, com foco em sua biblioteca particular, ressaltando as características bibliográficas e bibliológicas do acervo. Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo aporta-se na história cultural e na abordagem de redes sociais onde estão inseridos seus amigos e familiares. Buscou-se, ainda, identificar, através do referencial teórico, a biblioteca como particular/privada e seu valor no contexto paraibano. Em seguida, procura identificar e apresentar o acervo, com ênfase nas obras e nos documentos raros e históricos da Paraíba e do Brasil e forma de organização. A apuração dos dados em forma de entrevista pré-elaborada aponta para o acervo, seu criador e peculiaridade dessa atividade, perpassando pela diversidade dos objetos ali expostos, as mais variadas formas de aquisição. Pretende-se, ainda, apresentar o seu idealizador com as suas várias faces como homem público, nas atividades exercidas como médico, professor diretor da UFPB, além das atividades familiares como pai, avô e tio e, por fim, no meio social, com amigos e colaboradores.

Palavra-chave: História cultural. Humberto Nóbrega. Biblioteca particular.

ABSTRACT

Rebuilding, historically and culturally, the life and works of Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, focuses on his personal library, highlighting the collection's bibliographical and bibliology characteristics. From methodological and theoretical point of view, this paper bases on cultural history and social networks approach, where friends and relatives are inserted. Also, was tried to identify, from theoretical reference, the library as private/particular and it's value at paraiban context. After that, it tries to identify and show the collection, emphasizing it's rare documents and works from Paraiba and Brazil and how it was organized. The pre-establish interview format of data analysis, points to the collection, it's creator and this activity peculiarity, walking through objects diversity there exposed, a sort of acquirements way. This paper also intends to presents the creator other faces as public man in his works as physician, director Professor at UFPB, furthermore his familiar activities as father, grandfather and uncle and finally, in social ambit, with friends and collaborators.

Keywords: Historical Culture. Bibliography Nóbrega Humberto. Private Library

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo geral	17
1.1.2 Objetivos específicos	17
1.2 APORTE METODOLÓGICO	17
1.2.1 Os primeiros contatos	19
1.2.1.1 As entrevistas: tecendo o fio de composição da rede	19
1.2.1.2 As entrevistas: substrato de (re)vivências	21
2 BIBLIOTECAS PARTICULARES: incursão histórico-conceitual	24
3 HUMBERTO NÓBREGA: traços de uma vida	31
3.1 O ADOLESCENTE	40
3.2 O ESPIRITUOSO	43
3.3 O PESQUISADOR	46
3.4 O PROFESSOR	47
3.5 O IDEALISTA	48
3.6 O REITOR	50
3.7 O ESCRITOR	51
3.8 CONDECORAÇÕES RECEBIDAS	58
4 A BIBLIOTECA PARTICULAR DE HUMBERTO NÓBREGA	60
4.1 BIBLIOTECA: espaço de saberes e sabores	61
4.2 A COLEÇÃO de livros e de jornais	63
4.3 A DOCUMENTAÇÃO	67
4.4 ARQUIVO POLÍTICO	68
5 (IN) CONCLUSÕES	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	75
APÊNDICE A - Roteiro da entrevista	76
APÊNDICE B - Apresentação	77
APÊNDICE C - Carta de cessão	78
ANEXOS	79
ANEXO A - Atestado de óbito	80
ANEXO B - Certidão de casamento	81
ANEXO C - Foto do Casamento	82
ANEXO D - Livro de chamada do Lyceu	83
ANEXO E - Documento com a assinatura de D. Pedro II	84
ANEXO F - Documento com a assinatura da Princesa Isabel	85
ANEXO G - Gramática grega	86
ANEXO H - Fotobiografia	87

1 INTRODUÇÃO

A história das mentalidades [ideias] é uma das mais interessantes, mais fascinantes também, do que se fez nesse Século em memória de conhecimento dos homens.

(GINZBURG, 1987, p. 01)

A palavra biblioteca, segundo Fonseca (1992, p. 59), origina-se do grego, *bibliothéke*, derivada também da língua latina *bibliotheca*, composta pela união de *biblíon* e *théke* em que *biblíon* significa livro, originado do latim, *líber* - entrecasca de uma planta usada no fabrico de papel pelos povos antigos - e *théke* pode ser compreendida como objeto com característica de cofre, estojo, edifício, sentido etimológico também adotado por Houaiss (2009, p. 284), ao registrar o termo “*bibliothéque* do gr. *biblíon* ‘livro’ + *téké* ‘caixa, depósito’, através do latim *bibliothéca*”.

Nesse sentido, pode-se comparar o espaço biblioteca como um invólucro, uma caixa. Essa caixa de Pandora¹, com o livro “As mil e uma noites”, que, a cada dia, se visitada, surpreende como a pretendente – Sherazade - que, com receio da execução, apresenta um novo e inesperado desfecho ao sultão, Shazenan. Mesmo que nela encontre o Alibabá e seus quarenta ladrões, encontrará também o tapete mágico, que possibilitará ao leitor um mundo de encantamentos.

Aquela, como esta, seduz e fascina seus usuários e visitantes sôfregos de informações, sanando-lhes as dúvidas e, quiçá, respondendo a indagações. Esse mundo mágico, que, quando aberto, enche-nos, ao mesmo tempo, de fantasias e de realidade, expõe um universo multinformacional, que permite que nela seja encontrada uma variedade de informações atualizadas que se confrontam, completam ou refutam as antigas, mas que oferecem respostas para as mais complexas indagações em qualquer ramo das ciências e da vida.

No senso comum, quase sempre, a biblioteca é categorizada como um local onde se guardam e/ou se colecionam livros, em geral, com cheiro de mofo e com indícios de abandono.

¹ Na mitologia grega, a caixa de Pandora refere-se ao desejo de conhecimento do homem. Metaforicamente, é colocada como a possibilidade de partilhar do entusiasmo e da curiosidade. Alice de Lewis Carroll, entrou no admirável mundo novo, sem esperar, no entanto, que esse se revele apenas como um país de mediáticas maravilhas.

Na sociedade atual, dita sociedade da informação, a biblioteca pode ser vista como uma teia de múltiplas faces, que não se restringe apenas a livros e periódicos, um espaço físico de leitura, pesquisa e estudo, mas também um espaço de entretenimento e de prazer, porquanto comporta informações, nos mais diversificados suportes, desde o papel até os CD e o acesso mediado pela internet, capazes de nos levar para outros espaços. É uma porta de passagem para outros conhecimentos, além de não se ater meramente ao espaço físico.

A biblioteca da contemporaneidade é um espaço físico ou virtual no qual se alocam e disseminam informações. Nesse sentido, as tecnologias nos apresentam a “biblioteca eletrônica portátil”, através do e-book, que pode ser levada para toda parte e armazena inúmeras informações através de aparelhos como Kindle ou iPad.

Tais tecnologias são capazes de abrigar prateleiras de livros e anotações antes baixados “inapropriadamente” da internet, mas que, atualmente, estão disponíveis para compra, por meio de assinatura, o que favorece o direito de se receberem os livros, direto, das editoras. Neles, os leitores podem se posicionar e interagir com o texto para emitir sua opinião (FERRARI; DEODATO; PEREIRA, 2009, p. 96).

Apesar dos aportes tecnológicos utilizados em espaços de informação, há, ainda, os que defendem a biblioteca como um instrumento de disseminação cultural, capaz de oferecer subsídio de atividades intelectuais, suporte teórico e socialização da história de um povo na medida em que relata seus conflitos e pactos, preservando e difundindo, de forma organizada e acumulativa, a informação.

O acesso às informações contidas na biblioteca são testemunhas das posições, dos interesses e das ideias da humanidade nem sempre livre de censura, considerando-se que, do ponto de vista histórico, muitos impedimentos foram exercidos no sentido de inviabilizar a leitura, como relatado, ficcionalmente, no filme *O Nome da Rosa* - baseado no livro do escritor Umberto Eco.

Reiterando sua experiência pessoal acerca da prática do cerceamento de suas leituras, Antunes (2004) relata as visitas feitas à casa do avô, quando iniciou sua prática leitora e descobriu que os livros que não podia ler, ou seja, “os proibidos”, estavam escondidos nas prateleiras mais altas das estantes. No entanto, driblando as regras, ela passou a pegá-los de cima para baixo e, às sombras e no silêncio da noite, lia-os ferozmente.

A prática censora evidenciou-se também nos idos do Século XX, sobretudo em relação às mulheres, que eram proibidas de ler determinados livros e privadas, inclusive, do direito de aprender a ler e a escrever, o que as deixavam à margem das decisões políticas, econômicas e culturais do

país. Nesse sentido, Mello (1956, p. 24) reitera que “as mulheres letradas ficariam fóra de sua finalidade. Elas precisavam, apenas, saber ser donas de casa e... as letras eram objeto de luxo.”

Por outro lado, é oportuno reiterar que, na contemporaneidade, mudaram as faces da censura. No Brasil, por exemplo, o alto custo de um livro pode ser um indício para impedir o acesso à leitura, assim como o descaso para com as bibliotecas públicas, isso quando não se decretam leis ou medidas provisórias contra a imprensa e outros.

Moraes (2006, p. 58) refere que a censura existe e “vive das mesmas razões falaciosas: defender a Moral, a Religião e o Estado”. Portanto, para o livro ser liberado para leitura, teria que ser autorizado previamente por cada um dos três poderes. Sobre isso, afirma:

Até a instituição da Mesa Censória por Pombal, a censura agiu no Brasil principalmente junto às bibliotecas convencionais, pois muito poucas eram, até aquela época, as livrarias particulares, nem havia na colônia tipografia ou comércio regular de livros. (MORAES, 2006, p. 59)

Apesar dos impedimentos de acesso, ora pelo viés declarado da censura na produção e distribuição de livros, ora pelos aspectos apontados por Moraes (2006), as bibliotecas foram vencendo obstáculos e, de alguma maneira, fincando raízes e se “popularizando”, embora, sob a perspectiva histórica, elas tenham nascido sob a égide do poder privado. Esse é um fato perceptível na história das bibliotecas ainda em seu formato mineral (MILANESE, 1993).

No Brasil, Mindlin (2004, p. 104) afirma que as primeiras bibliotecas foram organizadas pelos jesuítas, quando aqui chegaram em 1549, sob o comando do Padre Manoel da Nóbrega. Em suas bagagens, eles traziam livros para os colégios que fundaram durante a colonização. Já em 1577, o Colégio do Rio de Janeiro recebeu do visitador eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira, que veio de Portugal, metade da sua biblioteca. Mas, para esse bibliófilo, “o grande marco, entretanto, das bibliotecas brasileiras foi a instalação no Rio de Janeiro da Biblioteca Nacional, criada por decreto em 1810, com a absorção da Real Biblioteca trazida por D. João VI em 1808 [...]” (MINDLIN, 2004, p. 107).

Vale lembrar que, apesar dessa importância, a biblioteca se caracterizava como biblioteca real, voltada para a educação do infantado. Isso posto, realça o objetivo que a caracteriza como uma biblioteca de caráter eminentemente privado, que se abriu para consulta pública apenas em 1914, com as ressalvas históricas do que efetivamente era considerado povo e nação na época.

Fonseca (1992, p. 65), aliando-se a Serafim Leite S. J. expõe a história da biblioteca, no Brasil, em que, no início, as bibliotecas eram privadas e, posteriormente, algumas transformadas em bibliotecas públicas. Isso acontece, ainda hoje, como se vê no caso da biblioteca do bibliófilo José Mindlin, que foi, parcialmente, doada por ele, em vida, à Universidade de São Paulo (USP).

Ainda sob os aspectos históricos, Fonseca (1992, p. 65) salienta que a congregação jesuítica, ao fundar seus colégios, instalou bibliotecas, iniciando essa atividade na Bahia e, depois, em outras províncias. Mas foi em 1811 que, efetivamente, inaugurou-se a primeira Biblioteca Pública do país, na Bahia, por iniciativa de populares. Esse acontecimento desencadeou a abertura de outras bibliotecas públicas no país, que proliferaram a partir da segunda metade do Século XIX.

Em outros estados brasileiros, as bibliotecas estaduais foram instaladas na seguinte ordem: Sergipe, em 1851; Pernambuco, em 1852; Espírito Santo, 1855; Paraná, em 1857; Paraíba, em 1858; Alagoas, em 1865; Ceará, em 1867; Amazonas e Rio Grande do Sul, em 1871. Apesar dessas instalações, as bibliotecas sempre foram alijadas pelo poder estatal, do qual emanam suas leis e políticas públicas, nem sempre favoráveis aos interesses do povo, prevalecendo, muitas vezes, a ideia de que é necessário, primeiramente, “educar o povo”, papel da biblioteca pública como força viva para a educação – reiterado também pelo manifesto da UNESCO² para biblioteca escolar – (1999), quando estabelece:

A biblioteca escolar propicia informações e ideias que são fundamentais para atuar com sucesso na sociedade atual, baseada em informação e conhecimento. A biblioteca escolar habilita os estudantes para aprender ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

A Lei 5.691 de 1971, conhecida como a Reforma de Ensino, oficializou a biblioteca nas escolas públicas como prática de pesquisa, na tentativa de evitar que os alunos reproduzissem o raciocínio e a fala dos professores. Foi só uma tentativa de substituir o ditado e as cópias realizados (MILANESI, 1993). E por não terem aprendido a usar a biblioteca de forma correta, até os nossos dias, os alunos, na época, e os professores, nos dias atuais, parecem reproduzir as mesmas técnicas que aprenderam para os seus alunos³, que serão multiplicadores dessa forma de uso. O que talvez não ocorresse se fossem seguidos os princípios de Rousseau que, em respeito à criança, defendia que o processo de ensino e aprendizagem na infância deve ser construído pelo próprio sujeito (PEETERS; COOMAN, 1965).

² Manifesto preparado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas, aprovado pela UNESCO em sua Conferência Geral de 1999.

³ Embora Sisto (2001, p. 94), quando fala de o exercício despertar nas crianças o gosto pela leitura em salas de leitura, acredite que “Criança aprende, mesmo fora da escola, mesmo em qualquer hora, sem que a mensagem – do professor sempre a preocupação do decompor - vire cartilha em forma de história, pra ensinar bons costumes e ideias de provocação em eterna preocupação” e acrescenta: Os objetivos podem mudar – é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar, podem alterar, mas nunca acabar com o prazer de escutar.”

No que diz respeito às bibliotecas privadas, historicamente, percebe-se que há indícios de mudança de comportamento em relação ao seu uso e intenção, incluindo-se os objetivos pelos quais se institui uma biblioteca para uso, em princípio, estritamente pessoal. Mindlin (2004, p.98), ao se referir à sua biblioteca particular, expressa:

Vejo com alegria o interesse que desperta nos pesquisadores que nos visitam, pois o grande objetivo da Biblioteca, além do prazer que nos proporciona através da vida, é preservar o passado sem ficar mergulhado nele – tem de incluir o presente e tem que tornar possível o mundo de conhecimento e de informações que ali se encontra.

Portanto, a história da biblioteca aponta um conjunto de informações registradas do passado e no presente da humanidade. Juntas, essas informações contam a história do homem, seus feitos, invenções e sentimentos.

Na Paraíba, a história parece repetir-se. Alguns intelectuais tomaram a biblioteca como um instrumento de seu próprio fazer, como Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, por exemplo, tornado ele mesmo foco de nossa investigação. A relação entre ele e sua biblioteca parece não ser diferente. De forma muito peculiar, a trajetória desse homem, pai, genro, avô, sogro, profissional da Medicina, Reitor da Universidade Federal da Paraíba, chefe, patrão, primo, colega de trabalho e bibliófilo faz esses papéis se entrelaçarem. Com Humberto Nóbrega, havia a convergência dos livros para um leitor e o leitor que se dividia entre os seus livros como um pai que ama cada um dos seus filhos pelo que ele é, conforme sugerem as Leis nº 2 e 3 de Ranganathan⁴, apresentadas por Campos (2003), ao propor as cinco leis que fundamentam a Biblioteconomia, pelas quais optamos por evidenciar que cada livro tem seu leitor, e cada leitor tem seu livro.

O estudo em pauta voltou-se para esse bibliófilo que, além de amar os livros, tinha por eles tanto carinho que chegou a montar sua própria biblioteca e, durante a construção da mesma, projetada pelo engenheiro José Francisco, considerou também a opinião de bibliotecários nesse processo de construção, como forma de melhor direcionar a ventilação, para que os seus amados - os livros - pudessem “respirar”, a fim de que não adquirissem fungos nem sofressem com a umidade e a maresia e/ou absorvessem muita luz e calor do sol, visto que Humberto Nóbrega residia à beira-mar.

Outro fato que nos chamou à atenção foi a preocupação de Humberto Nóbrega em tratar os livros dentro dos padrões técnicos biblioteconômicos. Por essa razão, contratava os

⁴ Para além das leis mencionadas Ranganathan ainda aponta as leis: nº 1 - Os livros são para serem usados; 4 - poupe o tempo do leitor e 5 - a biblioteca é uma organização em crescimento.

serviços do profissional bibliotecário para esse fim, valorizando a profissão e o seu fazer. Em relação a sua biblioteca particular, as práticas de Humberto Nóbrega tornaram-se foco de substancial interesse nessa investigação, como estudante e concluinte do Curso de Graduação em Biblioteconomia.

A escolha do tema deu-se, ainda, nos idos de 2004, quando da visita⁵ ao Acervo Humberto Nóbrega, nas dependências do Museu da Terra e do Homem da Paraíba, pertencente ao Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). Dessa iniciativa, resultou a realização de um estudo arquivístico, que frutificou dois trabalhos que foram apresentados em Congressos. O primeiro, em julho de 2004, no XI Encontro Estadual de Professores de História - *A Formação do Historiador para o Século XXI*, na cidade de Campina Grande - PB, e o segundo, no “*I Fórum Paraibano de Arquivologia*”, realizado em João Pessoa - PB - em outubro do ano de 2007, intitulado “Diagnóstico físico-ambiental do arquivo Humberto Nóbrega: análise de aplicação.”

Lembro, com nitidez, daquela manhã ensolarada, quando entramos pela primeira vez naquele ambiente. O odor que emanava, o layout da sala, o acondicionamento dos itens, tudo ficou registrado em minha mente e ainda está cravado nas minhas memórias olfativa, visual e sensorial, ao vê-los em prateleiras com suas lombadas reluzentes, escondendo segredos prontos a serem desvendados.

As visitas ao Acervo aconteciam sempre às quartas-feiras pela manhã. O estudo foi feito minuciosamente. Eram avaliados os livros - alguns raros - o material fotográfico, os periódicos e alguns objetos pessoais de Humberto Nóbrega, como: medalhas, chapéu de formatura, relógio, sapatos e o timão do batizado do poeta paraibano, Augusto dos Anjos. Vale ressaltar que Humberto Nóbrega ocupou a cadeira nº 01, cujo patrono foi Augusto dos Anjos, na Academia Paraibana de Letras, de quem foi estudioso e colecionador de objetos e pertences.

Naquele momento, ao entrar no arquivo, senti que, quando os livros são tocados e manuseados, permitem que se sintam, neles, o próprio cheiro, o carinho com que são tratados, as marcas deixadas e a proteção herdadas dos seus leitores ávidos de conhecer “sua alma”, e me lembrei de Battles (2003, p. 19), quando descreve os vestígios do tempo encontrados nos livros, sinais de um manuseio: “Muitos indícios da passagem do tempo ficam inscritos na matéria física dos livros. Há datas de aquisição carimbadas ou escritas a lápis no verso na página de rosto”.

⁵ A equipe era composta pelos alunos Ernesto Batista Mane, Geísa da Silva, Marcos Paulo Farias Rodrigues e Heloísa Cristina da Silva Leandro. Todos empenhados nas aulas extras e na aprendizagem de diagnóstico de arquivo. As visitas foram autorizadas oficialmente pela Reitoria do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), o que viabilizou o estudo, sob a orientação da Professora Bernardina Freire.

A biblioteca foi escolhida como objeto de estudo, primeiramente, porque essas experiências relacionadas edificaram nosso propósito de aprofundar os estudos referentes às bibliotecas privadas pessoais – por serem aquelas que pertencem a uma pessoa ou empresa. Conforme Milanesi (1993, p. 58), “a particular é espontânea, motivada pelo desejo de posse e acúmulo, além da necessidade precisa de instrumentos de trabalho”.

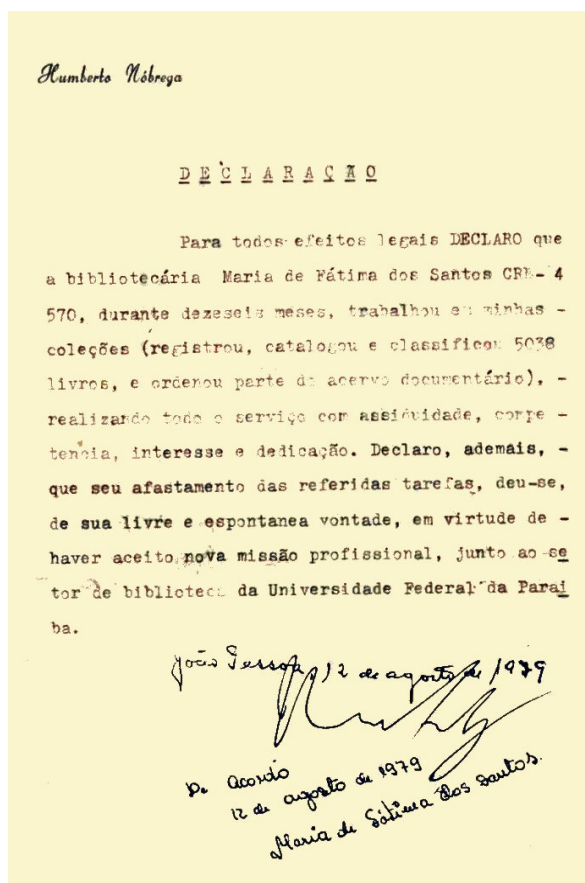


Ilustração 1: Declaração assinada por Humberto Nóbrega

Outro aspecto diz respeito à produção literária ainda pouco privilegiada nos estudos biblioteconômicos do país. Em face dessa compreensão, optei por tomar como foco investigativo a Biblioteca particular/privada de Humberto Nóbrega, doravante, denominada como BHN. Outro motivo para a escolha da temática foi por desconhecer estudos a respeito de bibliotecas privadas, em particular, na Paraíba, o que representa uma lacuna nessa temática, e por ser o idealizador da biblioteca alguém que respeitou o fazer biblioteconômico, corroborado ainda pela pessoa de Humberto Nóbrega, em cuja administração foi o primeiro reitor da UFPB a contratar bibliotecários para a Biblioteca Central da referida Instituição, sem esquecer a valorização destes na organização de sua própria biblioteca.

As bibliotecas privadas⁶, como instrumento de pesquisa e de aprendizagem, oferecem, quase que involuntariamente, auxílio para que se crie uma biblioteca pública, como por exemplo, a que pertence ao bibliófilo José Mindlin, que acabou por favorecer a sociedade ao deixar seu legado para a posteridade, vinculando-a a uma instituição pública, como a Universidade de São Paulo. Por outro lado, percebe-se empiricamente que, na Paraíba, há um significativo número de bibliotecas privadas, porém algumas foram doadas e já não existem mais; outras, ainda por serem investigadas, mas todas, igualmente, importantes, no que diz respeito não apenas aos seus

⁶ Neste estudo, adotamos as expressões privadas e particulares como sinônimos.

acumuladores, mas também do ponto de vista da circulação dos escritos no Estado. Assim, verifica-se que existe, efetivamente, um espaço vazio, no tocante à temática que trata dos estudos das bibliotecas privadas na Paraíba, o que instiga ainda mais a necessidade e a importância do estudo em pauta.

Sabe-se, através das entrevistas, que Humberto Nóbrega construiu sua biblioteca fisicamente - prédio e acervo. Como acontece com quase todas as bibliotecas privadas, aos poucos, foi adquirindo livros, periódicos, fotos, discos e objetos do seu interesse que formaram o acervo visitado. Além de contratar profissionais para organizá-la, administrá-la e realizar os processos técnicos. Nesse sentido, vale questionar: Quem foi Humberto Nóbrega e qual sua relação com a Biblioteca? Quais as características da BHN? Como foi construído seu acervo? E o que possui de tão significativo nesse corpo? Como tentativa de responder a esses questionamentos, optamos por investigar a BHN para o qual traçamos os objetivos constantes do item 1.1.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Conhecer, histórica e culturalmente, a formação da biblioteca particular de Humberto Nóbrega, sua vida e obra.

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer a vida e a obra de Humberto Nóbrega;
- Descrever sobre sua vida e obra;
- Mapear o material bibliográfico que compõe a BHN;
- Elencar documentos que caracterizem os aspectos bibliográfico e bibliológico de seu acervo;
- Destacar o papel do profissional bibliotecário no contexto da BHN.

1.2 APORTE METODOLÓGICO

Para atender aos objetivos de um estudo, é imprescindível conhecer o objeto estudado. Para atingir esse propósito, é preciso estudá-lo, examiná-lo amiúde. Seguir aprofundando o estudo

requer o estabelecimento de normas, estratégias e a demarcação de caminhos, mesmo que esses necessitem de novos complementos, ou mesmo para servir de marco regulatório para o pesquisador, sobretudo o iniciante, que ainda não sabe, ou melhor, o espírito investigativo que o toma não o quer fazer parar, tornando o trabalho um ajuntamento de dados coletados aqui e acolá, quase sem espaço para acumulá-los, fazendo-os crescer, até tomar proporções nunca antes imaginadas. Eis, então, o problema: o que fazer com tantos dados coletados?

Minayo (2007, p.14) nos alerta ao apontar a metodologia como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” e continua que a “Metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas”. Desse modo, tomam-se as etapas, os caminhos, os instrumentos e o aporte teórico que, nesse caso, em especial, situa-se no campo da história cultural, entendida como um “aspecto particular de síntese histórica [...], fenômeno histórico provido de um valor humano e como tais aceitos em um sistema de valores materiais, emocionais e espirituais [...]” (FALCON, 2002, p. 99). Esse campo envolve também os intelectuais, seu papel como difusores da cultura, sem deixar de lado a cultura material e intelectual da vida cotidiana.

De acordo com Richardson (1999, p. 245),

[...] a pesquisa histórica ocupa-se do passado do homem, e a tarefa do historiador consiste em localizar, avaliar e sintetizar sistemática e objetivamente as provas, para estabelecer os fatos e obter conclusões referentes aos acontecimentos do passado.

Nessa perspectiva, a pesquisa histórica procura representar dois objetivos básicos, segundo Helmstadter (*apud* RICHARDSON 1999, p. 245): produzir um registro do passado e contribuir para a solução de problemas atuais. No presente trabalho, nossas fontes de pesquisa foram documentos pessoais e depoimentos coletados pelo viés da história oral, “um recurso usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo e é reconhecida como história viva” (MEIHY, 1998, p.17), concedida através de vários entrevistados que compuseram nossa rede social.

Seguindo essa ideia, traçamos como caminho metodológico inicial a escolha do objeto que consiste em conhecer, histórica e culturalmente, a formação da biblioteca particular de Humberto Nóbrega, sua vida e obra. Para isso, foi necessário realizar entrevistas e coletar os dados necessários ao atendimento do objetivo inicial proposto.

A pesquisa teve início com um levantamento bibliográfico, que subsidiou a construção do referencial teórico-metodológico. Como instrumento de coleta de dados, adotamos o roteiro semiestruturado para dirigir as entrevistas, que constam de nove itens. (APÊNDICE A)

As entrevistas foram realizadas com pessoas ligadas a Humberto Nóbrega. Algumas delas foram gravadas e realizadas em horário marcado. Alguns entrevistados preferiram que fossem feitas anotações, e um deles pediu que as questões fossem feitas por escrito e por escrito, respondidas. As primeiras entrevistas foram realizadas com os filhos do estudado, José Francisco Novais Nóbrega e Maria Piedade Nóbrega Tomaz - que serão identificados neste trabalho como José Francisco e Nitinha. Em seguida, com pessoas que o conheceram e/ou com ele conviveram no trabalho, como Reitor, em casa, em sala de aula - como professor ou como colegas no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) ou na Academia Paraibana de Letras (APL).

Os contatos dos entrevistados foram, inicialmente, cedidos por familiares e outras indicações sucessivas, entre os entrevistados, o que favoreceu a utilização dos princípios da metodologia de Rede Social estudada e assim apresentada por Pisciotta (2006, p. 117):

A rede social tem um modelo nas formas naturais e naturalmente constituídas: uma rede de pesca, uma teia de aranha, a trama aberta de um tecido, os hexágonos de uma colméia, intrincada e irregular rede de neurônios. Todas essas imagens têm uma característica comum os pontos de interseção (os nós da rede) e seus elos [...].

Ainda de acordo com Pisciotta, os pontos dessas redes ligam-se através de laços, que as transformam em modalidades de rede denominada sub-rede, que pode ser: a) aberta - quando os atores seguem se desligando de vários “nós” até alcançarem seu objetivo; b) formalmente organizada - de origem social, instalada com propósitos específicos; c) a rede social pessoal - com que os membros se relacionam com frequência, compartilham de forma regular relações - de amizade, familiares, comerciais, ideias, interesses, informações e credo, permitindo maior identificação entre os membros daquela comunidade que partilham valores, interesses e objetivos semelhantes.

Assim, pelas características da sub-rede social pessoal, esta foi a que mais se adequou às análises do grupo frequentado pelo sujeito estudado, formada por pessoas ligadas a cada um dos contatados.

1.2.1 Os primeiros contatos

A primeira providência foi localizar a família de Humberto Nóbrega. Depois de conseguir o telefone de José Francisco - primogênito de Humberto Nóbrega - através da lista telefônica,

fizemos contato. Como não o encontramos, deixamos o número do telefone e as razões do contato: entrevistá-lo para conhecer um pouco da vida e da obra de Humberto Nóbrega. Dias depois, houve retorno da ligação, assim como o agendamento do primeiro contato com a família. A visita ao seu escritório foi agendada para o dia 15 de dezembro de 2005, às 15h.

1.2.1.1 As entrevistas: tecendo o fio de composição da rede

José Francisco, um jovem senhor, de pele branca, sorriso tímido, cabelos com alguns fios pintados pelo tempo, com aproximadamente 1,80m, recebeu-nos em seu escritório de engenharia. A princípio, conversamos informalmente. Depois, gravamos a conversa, durante a qual ele foi indicando as pessoas que deveríamos procurar e se prontificou para entrar em contato com alguns deles pessoalmente. Ele nos presenteou com um retrato falado de um Humberto pai amoroso e atencioso com os filhos, com os amigos, funcionários, netos e com quem gozasse de sua convivência. Descreveu-lhe o humor, o espírito de solidariedade, a cultura e a inteligência do pai tão admirado. Durante a declaração, ele foi enumerando as pessoas que conheceram seu pai e com as quais podia contar para os relatos. A primeira delas foi sua irmã, Maria Piedade – chamada, na intimidade, de Nitinha ou Marinita, em homenagem à irmã de Humberto, conforme declaração de Maria Ivone Nóbrega de Andrade, que chamaremos de Ivone.

A segunda entrevistada foi Nitinha, numa nublada tarde de dezembro, em sua residência, localizada na Avenida Cabo Branco, com uma bela vista para o mar. Fomos recebidas pela dona da casa, uma jovem senhora, loura, de estatura mediana, cujo tom de voz era forte, o que destoava da sua silhueta, da fisionomia e do olhar sereno. Mais tarde, descobrimos o quanto de emoção aquela senhora transportava ao falar do pai. Naquele momento, ela debulhou informações daquele que, além de ser seu pai, foi apresentado como médico, escritor, colecionador, homem espirituoso e bem humorado. Foi ditado uma espécie de diário íntimo, em que a entrevistada nos brindou com minúcias de seu relacionamento paterno, detalhes falados pela alma e revelados no *ethos*. Nitinha, nos cedeu por empréstimo uma coleção de fotos com imagens de solenidades nas quais Humberto Nóbrega era o homenageado ou estava assumindo algum cargo público. Em seguida, indicou nomes de pessoas que deveriam ser contatadas e nos antecipou endereços e telefones, autorizando-nos a mencionar seu nome, por ocasião do contato, para facilitar a aproximação da pesquisadora e dos entrevistados. O efeito foi favorável por causa da predisposição dos contatados em nos atender com simpatia e, quase sempre, com alegria. Alguns, sabendo da pesquisa,

procuraram-nos para falar a respeito de Humberto Nóbrega e/ou dar outras indicações, formando, assim, nossa teia de entrevistados pelo viés da rede social, como revela o Organograma Rede Social.

Algumas entrevistas foram gravadas e, outras, escritas, portanto os objetivos foram atingidos. Fomos a campo, munidas de um gravador, marca Panasonic, aqueles para cujo uso são necessárias fitas K7, com duração de 60min. cada, perfazendo um total de 14 entrevistados e 11 fitas, porque usamos a mesma fita para duas pessoas. Para além do gravador, adotamos a caderneta de campo para registrar outras informações que o aparelho não foi capaz de captar, como gestos, lágrimas, semblantes, entre outros sentimentos expressos que só o lápis e o papel, associados ao olhar atento do pesquisador, são capazes de registrar.

Localizar algumas das pessoas não foi tarefa das mais fáceis, se considerarmos o pouco conhecimento da pesquisadora em relação ao espaço urbano da cidade, uma vez que havia chegado a pouco tempo na cidade. Assim, ligávamos, elaborávamos o roteiro e marcávamos a visita sempre atendendo à disponibilidade do entrevistado. Alguns nos receberam em suas residências, abrindo as portas de suas casas em nome de um homem que conheceram e de quem tinham muito para contar; outras preferiram seu local de trabalho por julgarem ser mais central, mais cômodo e, conseqüentemente, mais formal.

Algumas pessoas conheceram Humberto Nóbrega, como profissional da área de saúde, outros, como administrador, mas a maioria delas estava em início de carreira, alguns ainda muito jovens, como relatado por elas mesmas.

Todos os depoimentos foram repletos de emoção. Fomos testemunhas de recordações cheias de risos e de alegria, que, em algumas ocasiões, progrediam a gargalhadas, e, em outras, traziam saudades e lágrimas, chegando, algumas vezes, a prantos.

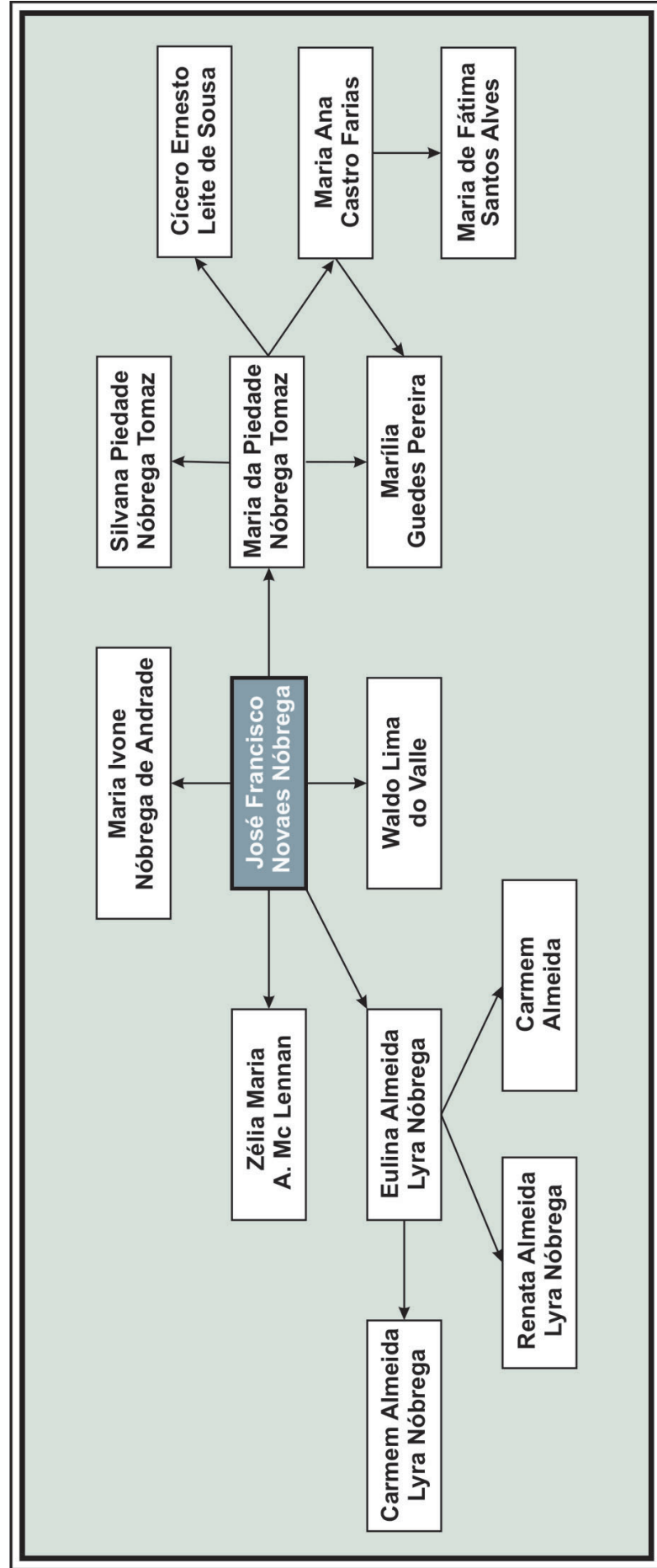
1.2.1.2 As entrevistas: substrato de (re)vivências

As entrevistas foram realizadas com a nossa participação como pesquisadora e a do narrador, com o auxílio de um gravador de fitas-cassete, como mencionado anteriormente, para as quais seguiram-se alguns passos, baseados na orientação de Meihy (1998). Depois de gravar a narrativa, o primeiro passo foi **transcrevê-la**, ou seja, passar a gravação para a escrita, na íntegra, com todas as características da oralidade.

Transcrita a narrativa, o texto passou por outro processo, a **revisão**, ou seja, foi entregue aos entrevistados para que fizessem os ajustes necessários, ganhando quase sempre a forma de linguagem escrita, um processo que Meihy (1998) denomina de **transcrição**, com orações

estruturadas, o pensamento lógico ordenado e os fatos mencionados em sequência. As correções gramaticais foram feitas e as frases incompletas ganharam complemento. O estilo do narrador permaneceu em algumas palavras ou expressões que caracterizam o entrevistado.

O último passo dado foi pedir para o entrevistado assinar uma **carta de cessão**, autorizando o uso da entrevista (APÊNDICE C). Todos os entrevistados nos autorizaram, por escrito, a usar suas falas - parcial ou totalmente - inclusive doaram todas as transcrições para o Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional (NDIHR). Em suma, para cada entrevista gravada, foi aplicado este processo construtor: transcrição, revisão e autorização. Como possibilidade didática, optamos por utilizar fontes diferentes para as falas extraídas das entrevistas, mantendo também a grafia de documentos de época.



Organograma Rede Social

2 BIBLIOTECAS PARTICULARES: incursão histórico-conceitual

O amor às bibliotecas, como a maioria dos amores, deve ser aprendido. Ninguém que pise pela primeira vez num aposento repleto de livros saberá instintivamente como se comportar nem o que se espera, o que se promete e o que é permitido. Há quem fique tomado de horror - diante da barafunda ou da vastidão, do silêncio, do lembrete zombeteiro de tudo que não sabemos, da vigilância-, e parte dessa sensação acachapante pode se perpetuar, mesmo depois que os rituais e as convenções foram apreendidos, que o território foi mapeado e que os nativos foram julgados amistosos. (MANGUEL, 2006, p. 13)

Para estudar a Biblioteca particular de Humberto Nóbrega, é necessário lançar um foco de luz para o surgimento das bibliotecas particulares/privadas na história do homem, especificamente, no Brasil, posto que a formação de bibliotecas privadas em todo o mundo não é de hoje. Essa afirmativa foi apresentada por Fonseca (1979, p. 11), ao dizer que, “quando o Brasil foi descoberto, já as bibliotecas do mundo haviam alcançado período de esplendor, tanto na Antiguidade – Egito e Babilônia, Grécia e Roma – como na Idade Média e no Renascimento”.

Moraes (2006, p. 28) afirma que pesquisar as bibliotecas particulares dos Séculos XVII e XVIII é uma tarefa árdua, visto que existe pouca coisa escrita a respeito do assunto, mas que o movimento academicista do Século XVIII foi difundido nos grandes centros suntuosos como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Cuiabá, comprovando, assim, vida cultural expressiva. No início do Século XVII - de acordo com o escritor – o número de bibliotecas aumentou muito nas mãos de particulares. Os paulistanos, com uma capitania pobre, na época, mesmo preocupados em formar bandeiras, objetivavam garimpar ouro e capturar índios. Mesmo assim, alguns livros são encontrados.

Em seus estudos, ele fala da falta de informação a respeito da aquisição de livros na época da colonização e que, para narrar esses fatos, os historiadores se fundamentavam nas obras de estrangeiros que visitavam o Brasil no Século XVIII. Moraes (2006, p. 45) nos garante que “existe documento inédito até hoje que nos dá uma visão diferente sobre o número de pessoas ligadas ao livro no Rio de Janeiro em meados do Século XVIII”.

Formar uma biblioteca particular pode ser considerado uma demonstração de poder econômico intelectual, um *hobby*, de certo modo, dispendioso, visto que, sempre foram as famílias

mais abastadas as principais compradoras, perpetuadoras, grandes colecionadoras, mantenedoras e conservadoras de livros. Battles (2003, p. 74) afirma que “a aquisição privada de livros importantes por uma família poderosa significa por si só o exercício de uma autoridade intelectual”. Comungando com esse pensamento, Moraes (1998, p. 16) assevera:

Quando se estuda a história das grandes bibliotecas do mundo, das grandes bibliotecas nacionais que fazem o orgulho de muito povo, vê-se logo que elas se formaram, tendo como base uma coleção particular e foram se enriquecendo com a aquisição ou doação de outras coleções particulares.

Os intelectuais, quase sempre escritores, seriam, também, oriundos dessas famílias. Esses objetos de desejo, os livros, são valiosos para quem quer, com muito afinho, formar a própria biblioteca. Esse comportamento não é visto só ao longo da história do homem, como Antunes (2004, p. 122) afirma: “[...] o fato é que a prática de colecionar é tão antiga como o próprio homem e a biblioteca, tão antiga como a história do próprio homem”. Afinal a biblioteca “é um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido com o fomento dos sabores e motor dos conhecimentos”. (JACOB, 2000, p. 9)

Na apresentação do livro, “História da Faculdade de Medicina da Paraíba”, intitulada “O porquê deste livro”, Humberto Nóbrega evidencia o seu lado colecionador, afirmando que o acervo guardado serviu de base para o trabalho, como demonstrado a seguir (1962, p. 13):

Assim, os 24 anos de existência da Faculdade decorrem conosco sempre na crista dos acontecimentos. Ao lado dessa vivência, há ainda a considerar nosso hobby: colecionar documentos e fotografias. De sorte que, em nosso arquivo temos carinhosamente guardadas cópias autênticas, xerox de todos os papéis relativos a vida da Escola, desde a fase embrionária até a transformação em curso.



Mais uma vez, o poder socioeconômico intelectual é também visto em obras de ficção e mostra, ainda, que o lado colecionador de livros pode ser encontrado em todas as fases das conquistas do homem, como afirma Battles (2003, p. 23): “As bibliotecas estão presentes nas obras de escritores que vão desde Shakespeare e Jonathan Swift até Umberto Eco. Na verdade, a biblioteca fornece um cenário com um poder de evocação tão grande que acabou se tornando um clichê”.

No início de sua formação, as bibliotecas particulares foram abertas para alguns privilegiados - os pares dos proprietários e os seus familiares, de preferência, do sexo masculino. Entre eles, quase sempre, havia uma troca. Segundo Battles (2003), na era pagã, Túlia, a filha de

Cícero, viveu uma situação privilegiada quando recebia material para a sua educação e, até o tempo de Júlio Cesar, a maioria absoluta dos livros em Roma era de coleções privadas e privativas. Grandes proprietários, como Cícero, compartilhavam seus livros apenas com os amigos e com as elites próximas. (BATTLES, 2003).

Battles (2003, p. 54) acrescenta que, “como todos os escritores romanos, Cícero despendeu bastante energia comprando, copiando e construindo a sua própria biblioteca”. Na formação da sociedade, as organizações de bibliotecas particulares contribuíram para a formação intelectual de príncipes, imperadores, reis e ditadores cruéis, papas e para um pequeno número de vassalos e subordinados. Um grande número desses representantes queria, na maioria das vezes, além de enriquecer intelectualmente abrilhantar os seus acervos, razão, muitas vezes, prioritária, o que os tornava invejados por seus pares. Os primeiros usufruíam dos seus livros, os segundos, dependendo da época, zelavam-nos ou os produziam. “Os calígrafos e os ilustradores do Islã transformavam o livro num objeto belo por si só, e os colecionadores passaram a apreciar a aparência suntuosa de um livro na mesma medida em que apreciavam seu conteúdo” (BATTLES 2003, p. 69).

As mais diversas civilizações disputavam entre si a valorização dos seus acervos, tanto em relação ao conteúdo quanto à beleza física dos seus bens, chegando a competir não só no quesito livros, mas também no que dizia respeito à biblioteca. O povo mulçumano, nas regiões que dominava, criou várias bibliotecas e a biblioteca da corte persa era um verdadeiro tesouro como é mostrado por ele, Battles (2003, p. 70).

Para Antunes (2004, p. 122), “os países europeus que experimentaram o crescimento do número das bibliotecas particulares não se interrogaram muito sobre essa questão porque a Europa vivia um momento de transformação que tornava possível grandes e rápidas transformações”.

Milanesi (1993, p. 21) relata que a invenção do papel barateou a confecção dos livros, mas foi a invenção de Gutemberg, no meio do Século XV, que mais contribuiu para esse fenômeno. Assim, “as bibliotecas deixaram de ser tesouro para se tornarem material de consumo doméstico. Os cidadãos passaram a formar bibliotecas em suas casas, como formavam os reis pré-Gutemberg”.

No Brasil, não foi diferente, com a chegada dos jesuítas, como mostra Milanesi (1993, p. 24): “A formação intelectual do Brasil, com o seu analfabetismo endêmico, mostra algumas característica peculiares. Os jesuítas, como instrumento apostólico, trouxeram os livros para evangelizar - ações que se confundem”.

Fonseca (1979, p. 18) assegura que, no Brasil, o Iluminismo foi o principal gerador das bibliotecas particulares, e como os mosteiros não adquiriam livros que informassem a situação

intelectual da Europa, os intelectuais supriam essas necessidades gerando bibliotecas particulares em várias regiões do País.

Como apoio a Moraes, lembramo-nos de Antunes (2004, p. 123), quando ela afirma que, embora o exercício de colecionar livros tenha iniciado no período colonial, existe pouca informação relacionada ao tema, e “que o movimento academicista que aconteceu no Século XVIII foi a primeira tentativa de organização das atividades intelectuais do Brasil”.

Antunes (2004, p. 123) completa: “Sabemos que existiam algumas pequenas bibliotecas particulares, mas a maior concentração de livros estava mesmo nas mãos de jesuítas, detentores do monopólio de ensino, com um método que salientava mais a oração e menos pesquisa intelectual”. Embora pertencessem a uma ordem de caráter religioso, eram também de caráter privado, porquanto suas bibliotecas serviam apenas aos seus, não estavam à disposição do público, apesar de serem de livre acesso a qualquer cidadão, independente de raça, cor, credo ou religião, conforme defende o manifesto das bibliotecas públicas e das escolares, empreendido pela UNESCO.

Autores como Moraes (1998) e Antunes (2004) afirmam que os principais criadores de bibliotecas particulares são profissionais da área médica e advogados. No entanto, não são descartados os intelectuais - poetas, escritores, professores e padres. Moraes (1998, p. 20) assegura que os médicos são habituados a colecionismo e que o tema é amplo e não tem limite. Campos (2006, p. 127) garante que “os médicos, especialmente, eram pessoas que gostavam muito de livros”.

De acordo com Antunes (2004, p. 124), “a vinda da corte para o Rio de Janeiro desencadeia uma mudança radical na situação política, econômica e social e, por consequência, na situação dos livros no Brasil”. Mas não foram só os Jesuítas, como catequizadores, que trouxeram as bibliotecas para o Brasil. Com a expulsão dessa Companhia deste país, outras passaram a se destacar, como mostra Antunes (2004, p. 123): “Com a expulsão dos Jesuítas, outras ordens religiosas (franciscana, beneditinas e carmelitas) já existentes no Brasil passaram a desempenhar um papel cada vez mais marcante no ensino. Também eles possuíam escolas anexas aos seus conventos e *ótimas bibliotecas*.”

A implantação de bibliotecas em todo o mundo, por povos de civilizações diferentes, as necessidades de facilitar a organização das bibliotecas e a utilização destas pelos usuários, talvez, tenham sido o motivo da divisão das mesmas em vários tipos. Fonseca (1992, p. 59) conceitua bibliotecas - isso mesmo, no plural - afirmando que a pluralidade se impõe nos dias atuais e que as bibliotecas públicas, a nacional e a especializada, são diferentes entre si, uma exigência da época, imposta pelo desenvolvimento, o que não é encontrado na antiguidade.

Como primeira categoria, Fonseca (1992) refere-se à *infantil*, como base para o “eleitor” de amanhã. Como, então, poderá votar em legisladores que não conhecem a utilidade de uma biblioteca? A explicação é que “as autoridades brasileiras – até mesmo as dos Ministérios chamados de Educação e da Cultura - dispensam as nossas bibliotecas.” E, ao nomear essa biblioteca como primeira, não se pode deixar de mencionar as primeiras bibliotecárias que se dedicaram, no País, a essa categoria, na década de 1940: Lenyra Fraccaroli, em São Paulo, e a sua seguidora, Denise Fernandes Tavares, em 1950, na Bahia.

Como segunda categoria, o autor apresenta a *biblioteca escolar*, “como irmã siamesa” da infantil. Apresentando como forma ideal no ingresso, da criança, na escola saber fazer uso da primeira visto que a segunda “[...] tem por objetivo específico fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores. Ela oferece a infra-estrutura bibliográfica e audiovisual do ensino de primeiro e segundo graus” (FONSECA, 1992, p. 62).

A categoria *biblioteca universitária* segue as duas primeiras. A diferença entre a segunda e esta é apenas o grau. O autor define a biblioteca especializada que, embora seja da década de 1990, o conceito defendido por ele parece contemplar a realidade atual: “A designação das coleções se refere à especificação das coleções como à tipologia dos usuários, podendo estes serem agrupados entre pesquisadores altamente diferenciados ou deficientes físicos, prisioneiros e hospitalizados etc” (FONSECA, 1992, p. 63).

Em relação à biblioteca especializada, Antunes (2004, p. 128) assevera que ela “tem caráter de especializado, e sua atividade primordial, de uns tempos para cá, facilita o trabalho científico dos investigadores que recorrem a ela. Muitos trabalhos foram elaborados utilizando-se apenas os fundos de biblioteca”.

Teixeira (2004, p.18) define com louvor a biblioteca particular e seu criador, o bibliófilo José Mindlin: “E mais ainda tem José Mindlin a dizer sobre a formação de sua biblioteca, fruto de uma paixão correspondida pelos livros, de um esforço bem sucedido de formação de um acervo fabuloso, valiosíssimo, hoje privado [...]”.

Antunes (2004, p. 128), falando da estimada biblioteca particular de Mindlin, afirma:

Hoje, a biblioteca não é apenas um vasto e valioso local onde encontramos aproximadamente 35.000 obras, mas constitui um magnífico centro de trabalho e pesquisa para acadêmicos e estudiosos além de ser um grande mostruário de fontes de cultura e conhecimento para o leitor comum que venha visitá-la por qualquer razão.

A Biblioteca particular do bibliófilo José Mindlin, ainda de acordo com Antunes (2004), foi formada por um único homem, diferentemente de outras bibliotecas, sobretudo a de

Huntington, San Marino, na Califórnia, que teve ajuda dos conhecidos “book dealer”. Essa embora seja muito maior, em termos proporcionais, em número de livros, aquela foi construída pelo seu próprio criador que, passou a vida - desde os 13 anos - “garimpando” em sebos livrarias, e já adulto, “[...] frequentando leilões correspondendo-se com livreiros, estudando catálogos, trocando ideias com outros colecionadores, tudo fazendo pra obter a melhor cópia disponível de determinada obra.” (ANTUNES, 2004, p. 126).

A autora diz, ainda, que o destino da biblioteca também é discutido pelo seu planejador e dono, que concebe a possibilidade de ela ser doada a uma instituição pública oficial, em vista do histórico brasileiro de não dar continuidade às iniciativas. Portanto, parte do acervo foi doada pelo proprietário, em vida, à Universidade de São Paulo - USP.

Finalmente, Fonseca (1992, p. 63) estabelece que a biblioteca nacional pode ser diferenciada entre os países pela contingência e peculiaridade, mas estabelece alguns objetivos que são comuns a todas, a saber:

- a) reunir, preservar e difundir a documentação bibliográfica e audiovisual produzida no território nacional - ela se vale para reunir, do chamado depósito legal e para difundir da bibliografia nacional corrente; b) reunir o que em qualquer parte se publica a respeito da nação; c) coordenar programas nacional e internacional de publicações; d) coordenar programas nacionais de aquisição de publicações estrangeiras; e) coordenar a rede nacional de bibliotecas; f) manter catálogo coletivo nacional de livros e periódicos.

Mais uma vez, Moraes (1998) afirma que os médicos são muito apegados aos livros, uma prática apontada anteriormente por Campos (2006) e Moraes (2006), quando apresentam o cirurgião Cipriano Barata – envolvido na frustrada revolta dos Alfaiates na Bahia, juntamente com Hermógenes Francisco d’Aguilar, o primeiro possuidor de livros das áreas de Medicina Prática, Física, Química, Matemática, Filosofia e Lógica, somando um total de trinta obras, das quais Hermógenes Francisco detinha, apenas, vinte e duas.

Na Bahia, ainda conforme o escritor, não se conhece muito a respeito de bibliotecas particulares, no entanto, acredita-se que o poeta Gregório de Matos, o escritor de música Parnasso Manoel Botelho de Oliveira e o historiador Sebastião da Rocha Pita também possuíam livros.

Ainda de acordo com o autor, é provável que o médico Manoel Arruda Câmara, formado em Montpellier e fundador da Loja Simbólica Areópago de Itambé/PE, tenha possuído uma biblioteca, mesmo que se conheça pouco da mesma. Afirma, ainda, que, no Rio de Janeiro, no Século XVIII, viviam muitos magistrados formados em Coimbra (Portugal) que ocupavam cargos

no Magistério, na área de administração e como profissionais liberais, como o João Mendes da Silva, pai do poeta Antônio José da Silva e advogado, assegura que ele possuía uma biblioteca com cerca de 250 volumes.

Em Minas Gerais, continua Moraes (2006), o Padre José Correia da Silva, formado em leis em Coimbra (Portugal) em 1759, possuía uma boa biblioteca em seu solar, em Sabará, onde hoje está instalada a prefeitura. E continua: “Não há dúvida que muito livro existiu em mãos de particulares em fins do Século XVIII nas ricas cidades mineiras” (MORAES, 2006, p. 32). O Padre Francisco Agostinho Gomes (1769-1872) viveu na época de Cipriano, um filósofo esclarecido que conseguiu formar a maior biblioteca particular existente no Brasil entre os Séculos XVII e XIX.

Como afirma Darnton (1995), é importante precisar o lugar onde o leitor lê, pois os espaços das bibliotecas particulares podem projetar indícios de suas formas e práticas de vida. Esse pensamento é reiterado por Delgado (1998, p. 85), em sua obra, *Cartografia Sentimental de sebos e livros*, ao indagar sobre as razões que levam um indivíduo a constituir a própria biblioteca. A esse respeito, ela afirma:

As razões pelas quais algumas pessoas constituem, ao longo de suas vidas, uma biblioteca particular são de ordem arbitrária e variada, indo desde o amor pelos livros de determinado gênero ou assunto até o interesse mercadológico pelo livro como fonte de investimento.

Neste estudo, a biblioteca particular de Humberto Nóbrega revela-se como o ponto de partida para se compreender, sob a perspectiva da história cultural, um homem, uma vida e suas práticas intelectuais pelo viés da leitura, pois “é também, e simultaneamente, um designo intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação”. (JACOB, 2000, p. 11)

3 HUMBERTO NÓBREGA: traços de uma vida

Colecionador de jornais, adquiri o hábito de ocupar os momentos de lazer com a leitura de gazetas antigas.

Periódicos de várias idades e de gêneros os mais diversos – literários, políticos, humorísticos, esportivos - guardo-os, tanto da Paraíba como de outros Estados e do estrangeiro também, alguns já velhos, de quase um Século.

Manuseá-los é uma maneira de sentir o passado – única realidade humana no dizer de Anatole France.

Que me acoimem, pois os passadistas. Nasci assim, com essa sensibilidade que empresta a uma reminiscência suave, maior valor que a castelos arquitetados por inveterados sonhadores. (1962, p. 7)



Às vinte e três horas e tinta minutos do dia 17 de julho do ano de 1988, numa sexta-feira, morre Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega. O doutor Humberto Nóbrega, como era conhecido, faleceu em sua residência, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. Seu falecimento foi inscrito no livro Cv, folha 42 v. sob o número 4.191, no Cartório Distrital de Registro Civil do Bairro de Tambaú, e assinado pela oficial de registro civil, a Senhora Joana Bessa Veloso, em 18 de junho do mesmo ano (ANEXO A).

Em 1986, Humberto sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), em Fortaleza, durante um Congresso Literário, a convite do seu amigo José Borges Sales, como relata sua filha Nitinha.

Quando voltou ficou hospitalizado durante dois meses no hospital Santa Isabel. Nesses dois meses mamãe veio de Fortaleza, foi em casa veio para o Hospital e só saiu dois meses depois ficou em sua casa aos cuidados dos seus familiares [José Francisco].

A causa *mortis* foi registrada como insuficiência respiratória, AVC, arteriosclerose, insuficiência cardíaca e insuficiência coronariana crônica. Seu sepultamento ocorreu no cemitério Boa Sentença, nesta cidade. Os jornais de domingo, dia 19/06/1988, estamparam as seguintes manchetes: “Humberto Nóbrega, ex-reitor, morre aos 76 anos” (O NORTE); “Humberto Nóbrega morre aos 76 anos” (A UNIÃO).



Ilustração 2 - Jornal O Norte de 19 de junho de 1988
Acervo: Academia Paraibana de Letras



Ilustração 3 - Jornal A União de 19 de junho de 1988
Acervo: Academia Paraibana de Letras

Ainda sob o consternamento da ausência de Humberto Nóbrega, O jornal “O Momento” publica o convite para a missa de 7º dia, que seria realizada no dia em 22 de julho de 1988.

Por relevantes serviços prestados, Humberto Nóbrega recebeu muitas comendas, foi inúmeras vezes justamente homenageado e, em sua trajetória, amejalhou para si um número

incalculável de amigos e um rico e variado acervo documental, entre os quais, destacamos fotografias, jornais, artigos, livros, relatórios, objetos variados, entre outros. Todavia, a riqueza do acervo consiste em disponibilizar para um público seu conteúdo, e isso só continuará sendo possível através de um tratamento preventivo que possibilite prorrogar a vida útil do acervo, atualmente cedido ao IPÊ/UNIPÊ por doação.

Humberto Nóbrega deixou dois filhos: José Francisco de Novais Nóbrega e Maria da Piedade Nóbrega Tomaz, frutos do seu casamento com a senhora Maria Nazaré de Novais Nóbrega, a quem tomou em núpcias em 30 de novembro de 1940 (ANEXOS B e C). O noivo nasceu aos três dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e doze; a noiva, no dia 18 de julho de 1914. Era filha do casal José Ferreira de Novaes e Maria Emília de Novais. Ao nascer, ela recebeu o nome de Maria Nazaré de Novais, só após o casamento, adotou o nome do marido.

O menino Humberto era o sexto filho do casal Francisco de Gouveia Nóbrega e Maria da Cunha Nóbrega, na seguinte ordem: Cassiano, Gerard, Fernando, Maria Piedade e Silvino. De cor branca, pele rosada, corpo magro, tinha ar de fragilidade, que era descartado quando expunha suas ideias de forma contundente, embasada e segura, mas sempre cordial e comedido nas palavras, raciocínio lógico e moderado, voz branda, semblante alegre; seus movimentos eram lentos e cautelosos. O corpo, um pouco curvado para a frente, e o rosto ovalado⁷, emoldurado pelos cabelos castanhos lisos e levemente repartidos para o lado esquerdo – estilo que o caracterizou por toda a vida. Expressava um sorriso fácil, largo e franco e tinha olhos castanhos. Humberto Nóbrega media 1.69m de altura, pesava aproximadamente 60 kilos, calçava sapatos número 39 e usava o perfume “Lavanda Inglesa”. Sales (1991, p. 26), ao descrevê-lo, brindanos com um retrato falado de quem o conheceu desde a mais tenra idade.

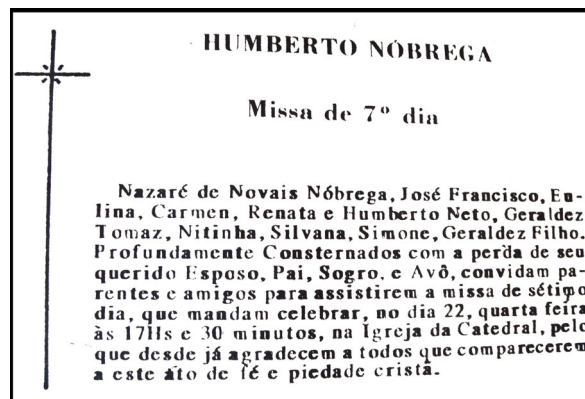


Ilustração 4 - Jornal O Momento de 21 de junho de 1988
Acervo: Academia Paraibana de Letras

⁷ O rosto oval é levemente mais largo na linha das maçãs e se estreita em direção ao queixo.

De mediana estatura e de compleição atlética não formava uma figura apolínea. Marca a moldagem do queixo um mandibular limitado. Possuía cabeleira abundante de tonalidade castanho-clara, já grisalha e sempre bem penteados. Seus olhos possuíam fulgor e usava lentes. Lábios finos. Quando sorria mostrava o sulco gengival do maxilar. Sua voz grave bem modulada e de timbre agradável. Mãos bem torneadas e dotadas de ambivalência.

Quando se casou, Humberto Nóbrega tinha formação em Medicina, com especialidade em Proctologia, pela Faculdade de Medicina de Salvador (Bahia). O curso foi concluído em 17 de dezembro de 1937, após ter transferido o curso que havia iniciado na Faculdade de Medicina do Recife/PE, ao ser aprovado no vestibular no ano de 1932.

Durante o ano de 1938, lecionou no Curso Normal, no Instituto de Educação do Estado da Paraíba, as disciplinas Higiene e Noções de História Natural. No ano seguinte, deixa, temporariamente, as funções de professor para exercer a de inspetor do exercício profissional do Departamento Estadual de Saúde Pública da Paraíba e, em seguida, chefiar o Serviço Médico da Casa de Detenção de João Pessoa (1939).

Seguindo sua trajetória alternando as plurais atividades de médico e de professor, chefia o Serviço da Clínica do Hospital Santa Isabel, na cidade de João Pessoa, em 1941 e, em 1942, aos trinta anos, foi promovido a 2º Tenente da Reserva de 2ª Linha.

O mundo está em guerra, mas o casal Nóbrega foi agraciado com a alegria do nascimento do seu primeiro filho, José Francisco de Novais Nóbrega, no ano de 1945. É 1949. Termina a 2ª Guerra Mundial e, no campo pessoal, mais uma vez, o presente divino vem para o casal Nóbrega: nasce a sua filha, Maria Piedade Novais Nóbrega, como declara Zélia Maria Andrade McLennan, “nasceu Maria da Piedade, ‘Marinita’, nome dado a ela em homenagem à minha mãe.”

Humberto Nóbrega foi um homem com muitas facetas. Devido ao acúmulo de conhecimentos, pelo fato de, na época, isso ser permitido, o médico Humberto Nóbrega atuava, com muita facilidade, como professor em diferentes disciplinas. Durante sua vida, foi um pesquisador voraz. Escrevia sempre, desde artigos até teses e livros, que deixou para a comunidade médica e demais profissionais da área de saúde uma obra relacionada à Medicina, em especial, a História da Medicina Paraibana.

Foi professor de higiene Industrial, Organização do Trabalho e Contabilidade Industrial de João Pessoa; lecionou Higiene e Segurança do Trabalho, na Escola de Serviço Social da Paraíba; Higiene e Legislação Farmacêutica, na Faculdade de Farmácia da Paraíba, e Higiene Geral, Industrial e dos Edifícios da Escola de Engenharia. Na área administrativa, dirigiu instituições públicas e particulares simultaneamente. Assim, em 1939, exerceu a função de Inspetor do Exercício Profissional do Departamento Estadual de Saúde Pública da Paraíba e chefiou o Serviço Médico

da Casa de Detenção de João Pessoa; foi nomeado chefe do Serviço da Clínica Médica do Hospital Santa Isabel de João Pessoa em 1941; dirigiu os serviços médicos da Santa Casa de Misericórdia e a Faculdade de Medicina da Paraíba em 1950; em 1956, foi nomeado vice-diretor da Faculdade de Engenharia e dirigiu a Faculdade de Engenharia da Paraíba; em 1957, foi nomeado vice-reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, posteriormente, foi designado chefe do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Paraíba em 1965.

O Museu da Imagem e do Som da UFPB passou a ser dirigido por ele a partir de 1967; em 1969, dirigiu os ambulatórios do estado da Paraíba, do Instituto Nacional de Previdência Social; no ano seguinte, 1970, chefiou o Departamento de Promoção da Saúde da Faculdade de Medicina da UFPB e, para culminar a sua carreira de professor universitário e administrador, em 1971, foi nomeado reitor da Universidade Federal da Paraíba. A esse respeito, o Jornal O Norte, de 31 de julho de 1971, publica a seguinte manchete: “Humberto Nóbrega foi o mais votado para Reitor da UFPB”, muito embora seu nome na lista sextupla tenha sido indicado em segundo lugar como revela o jornal: “Foi o seguinte o resultado final: Attilio Rotta, primeiro da lista, com 43 votos - Humberto Nóbrega, segundo na classificação, com 53 votos – Milton Paiva, terceiro lugar, com 39 votos – Serafim Martinez, quarto lugar, com 37 votos - Tarcísio Burity, quinto na lista sêxtupla, com 33 sufrágios – Francisco Xavier Sobrinho, sexto colocado, com 37 votos”.

A sociedade civil clama e é atendida pelo homem público que foi Humberto Nóbrega, que participou ativamente dela. Em 1947, foi nomeado Vice-Presidente de Honra da Campanha Nacional da Criança, Secção Paraíba; em 1955, tornou-se sócio honorário do Instituto Brasileiro de História de Medicina e presidiu a Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição da Paraíba; em 1956, passou a ser sócio honorário da Associação dos Farmacêuticos da Paraíba, médico perito do Tribunal Arquidiocesano da Paraíba para causas matrimoniais, em 1959; em 1963, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, no qual foi empossado em 23 de outubro de 1964, ocupando a cadeira nº 14, para, em 1968, presidi-lo até 1974.

Humberto preside o Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica; em 1971, foi eleito para a Academia Paraibana de Letras, para ocupar a cadeira nº 1, cujo patrono é o poeta que o biografou, Augusto dos Anjos. Além disso, tornou-se membro do Conselho Estadual da Cultura da Paraíba; foi nomeado para dirigir os ambulatórios do Instituto Nacional de Previdência Social na Paraíba; proferiu as palestras “*Farmácia e Farmacêuticos da Paraíba*” e “*A Evolução da Medicina Paraibana nos Últimos Quarenta e Cinco Anos*” – esta, na Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, para comemorar o 45º ano de sua fundação, e aquela, na Associação de Farmácia e Bioquímica da Paraíba, foi a palestra dada na Associação de Farmácia e Bioquímica da Paraíba;

criou o Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Florístico da Paraíba, quando apresentou o anteprojeto para o Conselho e participou com o “*Levantamento Demográfico e Sanitário*”, realizando nos Conjuntos Habitacionais Brasília de Palha e Brasília Molhada” na cidade de João Pessoa.

Seu “discurso de posse” como Reitor da UFPB foi publicado na Imprensa Universitária da Paraíba – IUPb, em 1971. No mesmo ano, publicou no Jornal “O Norte”, “*Características Psicológicas do Paraibano*”, pela “A União Editora” o discurso de posse na Academia Paraibana de Letras, com o título “*Cadeira nº 1 – Augusto dos Anjos*”. Em 1972, realizou duas publicações: a primeira foi uma palestra realizada no Instituto Central de Letras da UFPB, organizada para a comemoração do IV Centenário do lançamento de os Lusíadas, denominada “*Iniciativa Cultural que se Impõe*”; a segunda, feita no Seminário de Altos Estudos do Ensino Superior da América Latina, em Houston, no Texas, EUA, com o título “*Observações sobre Ensino Norte-Americano*”.

Em 1970, os Nóbrega vivem momentos de alegria na sua vida familiar, quando se casam, no mesmo ano, os dois filhos: José Francisco, com Eulina Almeida, e Maria Piedade, com Geraldez Tomaz.

A Associação dos Diplomatas da Escola Superior de Guerra (ADESG) realiza um Ciclo de Conferência sobre Segurança Nacional, e Humberto Nóbrega foi um dos participantes como coordenador no meio civil; foi nomeado chefe do Departamento de Promoção de Saúde da Faculdade de Medicina da UFPB; publicou mais uma das suas obras, dessa vez, “*Calendário Cultural da Paraíba*” pela imprensa universitária, e presidiu a Associação Cultural Brasil x Japão, seção Paraíba; participou do *Simpósio para Avaliação implantação da Reforma nas Universidades Brasileiras* - CRUB, em Juiz de Fora - MG;

Em 1971, Humberto Nóbrega foi nomeado Reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, em seguida, publicou, pela Imprensa Universitária da Paraíba (IUPb) o “*Discurso de Posse*” de Reitor da UFPB; recebeu o título de Cidadão Benemérito da Cidade de João Pessoa, concedido pela Câmara Municipal, Resolução nº 04/71, e foi condecorado com a medalha do mérito educativo pelo Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, Resolução nº 10/71. Publicou os artigos “*Características Psicológicas do Paraibano*”, “*Saudações ao Professor Heronides Coelho Filho*” e “*Cadeira nº1 – Augusto dos Anjos*”. O primeiro, publicado no Jornal “O Norte”; o segundo, pela Imprensa Universitária e o último, pela “*União Editora*”, este foi o seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras.

Em 1974, já agregado ao IHGP, como Presidente de Honra, publicou, na Revista nº. 20 daquela instituição, a Conferência “*Alagoa Nova*”. No ano subsequente, 1975, publicou três artigos. O primeiro, em O Norte Literário - “*Augusto dos Anjos e seu tamarindo perpetuado*”; o segundo,

na revista n.21 do IHGP, intitulado “*Seis Anos de Administração*” e, por fim, o artigo “*Os pioneiros da Medicina na Paraíba*” na “*Revista Paraíba, Ontem e Hoje*”, v.1 ano 1 - João Pessoa

Em 1949, o Serviço Nacional de Lepra promoveu, em Recife/PE, a Reunião dos Leprotologistas do Nordeste, a delegação paraibana é chefiada por Humberto Nóbrega. Nesse ano, mais uma vez, representa o estado, no Fundo Internacional de Socorro à Infância e à Adolescência (FISI); apresenta o trabalho “*Plano Paraibano de Proteção à Maternidade, à Infância e à Adolescência*”, trazendo para o Brasil o FISI. No campo pessoal, outra vez, o presente divino vem para o casal Nóbrega: nasce a sua filha, Maria Piedade Novais Nóbrega. Mais um ano de muita atividade para o “plural” Humberto, que passa a dirigir os Serviços Médicos mantidos pela Santa Casa de Misericórdia da Paraíba; em Recife-PE, representa o estado durante o VIII Congresso Brasileiro de Higiene; dirige a Faculdade de Medicina da Paraíba e leciona a disciplina Higiene; publica a obra “*O meio e o homem da Paraíba*”, pelo Departamento de Publicidade do Estado; vai ao Rio de Janeiro/DF, convocado pelo presidente da República, como representante da Paraíba, participar da II Convenção Nacional de Saúde e, em sua terra natal, pronuncia a Conferência na sessão de instalação da Comissão Censitária Regional da Paraíba, intitulada: “*O Sanitarista e as Apurações Censitárias Gerais*”.

Em 1951, participou do Curso de Médico Sanitarista, pelo Departamento Nacional de Saúde e, no ano subsequente, participou do Curso de Leprologista, através do Departamento Nacional de Saúde. Foi aprovado em 1º lugar no concurso para médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, Ambulatório de João Pessoa-PB.

Em 1954, iniciou as atividades internacionais. Foi a Viña del Mar, no Chile, como membro da delegação brasileira no Seminário sobre Medicina Preventiva, pela Organização Panamericana de Saúde; publicou, nos Anais do I Congresso Médico Militar Brasileiro, em São Paulo, *Alguns Aspectos Epidemiológicos e Militares da Esquistossomose no Brasil*.

No ano seguinte, manteve-se no Brasil, mas precisamente, na Paraíba, onde se tornou membro do Instituto Brasileiro de História da Medicina, presidiu a Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição da Paraíba e apresentou à congregação de professores um “*Parecer sobre a Agregação da Faculdade de Medicina à Universidade da Paraíba*”.

Humberto Nóbrega também contribuiu administrativamente com outras áreas do conhecimento, quando foi nomeado vice-diretor da Faculdade de Engenharia, tornou-se sócio honorário da Associação dos Farmacêuticos da Paraíba, presidiu o *I Seminário Brasileiro sobre Doenças de Chagas*, em João Pessoa, dirigiu a Faculdade de Farmácia da Paraíba, lecionou a disciplina Higiene e Segurança do Trabalho, na Escola de Serviços Social da Paraíba, e lecionou Higiene e Legislação Farmacêutica, na Faculdade de Farmácia da Paraíba.

Em 1957, foi nomeado vice-reitor da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. No ano seguinte, representou a Paraíba na Campanha Nacional Contra a Tuberculose depois Entretien de Bichat – Cours de Perfectionnement Clinique et Therapeutique-Faculté de Medicine, Université de Paris- França; foi a Lisboa, nomeado pelo Presidente da República, para representar o Brasil no IV Congresso Internacional de Medicina Tropical e Paludismos e lecionou Higiene Geral, Industrial e dos Edifícios da Escola de Engenharia. Além disso, foi médico perito do Tribunal Arquidiocesano da Paraíba, para causas matrimoniais, e recebeu o título de Comendador da Ordem do Mérito Médico, concedido pelo Governo Federal; em 1960, tornou-se sócio correspondente da Academia Nacional de Medicina.

Em 1962, na solenidade de abertura do Curso da Faculdade de Farmácia da UFPB, proferiu um discurso cujo título foi “*O Farmacêutico na Equipe de Saúde*”. Foi membro do corpo de jurados no concurso para docente de Higiene e Legislação Farmacêutica, na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Ceará. Nesse mesmo ano, enriqueceu sua obra, ao publicar a “*História de uma Cadeia Transformada em Palácio*” e “*Augusto dos Anjos e sua época*”. Aquela, pela União Editora (João Pessoa), e esta, pela Editora Jornal do Comércio em Recife/PE.

Como assessor do diretor executivo da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos do Ministério da Educação e Cultura, inspeciona *in loco* as Faculdades de Medicina do país, objetivando a planificação de auxílio das cadeiras básicas, através da referida Comissão. Foi eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Mais uma vez, atuou como membro da comissão julgadora para o Concurso de Higiene, Medicina Preventiva e Medicina do Trabalho, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse mesmo ano, proferiu palestra na Faculdade de Direito da Paraíba, por ocasião da comemoração do centenário da morte do poeta do EU, Augusto dos Anjos, intitulada “*Novas Considerações Sobre Augusto dos Anjos*,” para atender a um convite do governo do estado. O país se despediu do ano de 1964 dominado por uma ditadura militar, que teve início no dia 31 de março, quando foi deposto o Governo Federal.

Mesmo sobre o domínio de uma ditadura militar, o país continuou o trabalho para o seu crescimento. E, Humberto Nóbrega chefia o Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Paraíba; faz Conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, na solenidade de encerramento da II Jornada de Medicina e Cirurgia de Urgência, cujo título foi “*Achegas à História da Medicina na Paraíba*”. Em comemoração ao centenário do nascimento do ex-presidente da República, fez uma conferência, no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

(IHGP), denominada “*Epitácio Pessoa – o cidadão e o estadista*”; já na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, proferiu a palestra “*Epitácio - o Mestre*”.

“*Dez anos de Vida da Faculdade de Farmácia da Paraíba*” é o título da palestra conferida na sessão magna da congregação de professores da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Paraíba. Publicou a obra “*Dois Tempos de uma Cidade*”, pela Imprensa Universitária (1966).

Em 1967, ingressou, como membro, na Comissão de Pesquisa de Arquivos do Departamento Cultural da UEPB; recebeu o pergaminho IUS ROMANUM da Associação Interamericana de Direito Romano; publicou o artigo “*Restauração da Fortaleza de Santa Catarina*” e a obra “*A Figura Humana de Luciano Moraes*”. O primeiro, em separata, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, n.16, e, a segunda, na Imprensa Universitária. Dirigiu o Museu da Imagem e do Som da UEPB. (1967).

Atuou, mais uma vez, como pesquisador. Primeiro, ministrou, no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, um Curso de Extensão em Geografia; com uma bolsa de estudo, como observador no campo de ensino da medicina preventiva, foi à Venezuela, à Colômbia e ao Chile, sob os auspícios da Organização Panamericana de Saúde; foi eleito presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e publicou a obra “*Evolução Histórica de Bananeiras*”, pela Editora Universitária. (1968).

Participou do *Seminário Carreira de Magistério de Nível Superior*, pelo Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) em Teresina/PI, e foi nomeado Membro da Comissão Estadual, através do decreto nº 5.846, de 30 .04.1973, para coordenar as comemorações do centenário do nascimento de Alberto Santos Dumont. Em visita à Alemanha, é convidado pelo governo para visitar suas universidades; proferiu um discurso para saudar o engenheiro Eliseu Resende, em Assembleia Universitária da UEPB, para lhe conferir o título de professor *Honoris Causa*, com “*A Legenda de um Homem Superior*”; pronunciou conferência para os estagiários da Escola Superior de Guerra (ADESG), intitulada “*Universidade Federal da Paraíba. Origens, Desenvolvimento e Expansão*”; discursou durante a II Jornada Farmacêutica da Paraíba, com o tema “*A criação da Faculdade de Farmácia da Paraíba*”; escreveu um discurso enunciando o lançamento do livro do escritor Gilberto Freire, intitulado “*Gilberto Freire e Além do Apenas Moderno*”; proferiu discurso no IUPB, intitulado “*A Universidade Brasileira Hoje*”; Discursou para I.U.Pb. “*UEPB: Que fale o Coração*”.

Foi membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (Secção Regional da Paraíba); sócio correspondente da Academia Nacional de Medicina (1973); participou do Seminário sobre

Magistério de Nível Superior, Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras em Belém- PA; representou o Conselho de Reitores no Conselho Consultivo do Projeto Rondon; foi escolhido para ser paraninfo geral das turmas de concluintes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa- PB; foi Presidente de Honra Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, com base no Art. 66 dos Estatutos; Proferiu uma aula magna, na abertura do ano letivo da Universidade Norte Mineira de Montes Claros, MG, intitulada “*A Universidade e a Modernização de Atuar nos Setores de Ensino, Pesquisa e Extensão*”; apresentou Tese no 1º Seminário de Estudos sobre o Nordeste em Salvador-BA, intitulada: *Uma Política Turístico-cultural para o Nordeste*.

3.1 O ADOLESCENTE

Naquele período, entre 1936 e 1938, durante os anos de estudo no Lyceu Parahybano, Humberto Nóbrega já apresentava sinais de um colecionador nato. Posteriormente, durante o Curso de Medicina, registrava, em uma caderneta de anotações, as gafes e os erros cometidos pelos colegas. Também colecionava recortes de jornais com artigos de Paulo Valadares e crônicas de Humberto Campos, que o agradavam, e com algumas cartas do poeta Castro Alves, como narrou Fátima Santos, uma das pessoas entrevistadas. Essas informações foram validadas pelo próprio Humberto, na obra “*Augusto dos Anjos e sua Época*.”

Desde que me entendo por gente, sou um afeiçoado da poética de Augusto. Ainda adolescente, adquiri um exemplar da primeira edição do EU. E embora não pudesse perceber tôda a grandeza e tôda a penetração do pensamento do artista, aprendi de cór, porque soavam aos meus ouvidos de uma maneira harmoniosa, profunda e bela, vários de seus poemas (NÓBREGA, 1962, p. 8)



Na entrevista a Nóbrega (1977, p. 27), ele continua: “Pelos temas históricos, interessome desde a adolescência. Aliás, julgo que as vocações ou inclinações humanas (as verdadeiramente fortes) manifestam-se já na infância ou na adolescência”.

Esse hábito foi ratificado por Sales (1991, p. 23): “[...] guardar cartas, telegramas, documentos, jornais, livros e fotografias de capital e interior e retratos de personalidades políticas ou não, com o decorrer dos anos organizou um respeitável acervo de inestimável valor”.

José Borges Sales conheceu o adolescente Humberto Nóbrega que, após concluir o ensino primário, no Grupo Escolar Tomaz Mindello - onde aprendeu as primeiras letras - estudou no Colégio Pio X e, em seguida, foi transferido para o Lyceu Parahybano (ANEXO D). Daí nasceu uma amizade, que perdurou por toda sua vida, levando-o a escrever sobre Humberto Nóbrega no frescor da juventude.

Sales (1991, p. 17) relata, em sua obra, que Humberto apresentava sinais de ser um jovem inteligente e espirituoso. Quando, durante uma aula de Histórias Naturais, o professor da disciplina solicitou que os alunos trouxessem uma ave para as devidas explicações, no dia seguinte, Humberto entra na sala com um peru e o coloca sobre a mesa do professor. Noutra ocasião, também para a aula de História Natural, o professor solicitou dos alunos uma folha de planta a fim de classificá-la na aula a ser ministrada. No dia da aula, Humberto, intempestivamente, entra na sala, arrastando uma enorme folha de coqueiro.

São também dessa época os posicionamentos de Humberto Nóbrega em relação aos seus ideais políticos quando, no calor das emoções, dizia: “eu sou é perrepista⁸”, revelando os primeiros sinais de simpatia pelo partido.

Quase sempre, era descrito como um homem singelo, meigo, mas de personalidade forte e incisivo em seus argumentos. Integridade moral, senso de honestidade e justiça, tinha um comportamento confiável, tanto com os seus pares quanto com os que trabalhavam com ele ou para ele. Essas são características ressaltadas nas falas dos entrevistados. Essas qualidades lhe valeram um discurso, a posse como presidente do IHGP, de Ariano Suassuna, em agradecimento pela iniciativa de completar a galeria de fotos dos ex-presidentes do Estado, entre elas, estava incluída a do ex-presidente João Suassuna⁹, pai do orador.

Seu comportamento determinado foi um episódio narrado por Carmem Almeida de Meneses Lyra, que diz que ele já mostrava a simpatia pelo movimento perrepista, quando relata:

E um dia morto, João Pessoa, fizeram a exposição do retrato de João Pessoa na praça como no jardim todo, defronte ao Colégio Normal como era chamado naquele tempo. Vindo a acontecer que aí nessa época, houve o rompimento do namoro de Humberto com Aidil, a então namorada dele, juntos sentados no mesmo banco no bonde vínhamos eu, ele, um amigo e Aidil. Então eu disse para Aidil: “minha amiga, pergunta para ele se ele vai prestar homenagem a João Pessoa?” Então, ela prontamente: “você vai para o Hotel da Pátria prestar homenagem a João Pessoa?” Ele prontamente retruca: “Não, absolutamente eu não simpatizo esse pessoal” Então eu disse: “Eu acabava esse namoro” E ela disse “Olhe se você não for eu acabo esse namoro.” Então ele disse “Pois está acabado!” Prontamente desceu do bonde ele e o amigo ficou de mal comigo e com ela.

⁸ Partido Republicano Paulista-PRP fundado em 18 de abril de 1873.

⁹ Advogado. Deputado estadual eleito em 1934 e presidente do estado da Paraíba.

No início da carreira, na cadeia pública, era respeitado até pelos detentos que, depois de cumprir as penas, chegavam a visitá-lo em sua residência, como se fossem amigos de longas datas, como mostram estas palavras de Nitinha: [...] *ele foi médico da cadeia, logo novo, e os presos mesmo depois que saíam, continuavam amigo dele de ir lá em casa, levar presente porque ele era assim, uma pessoa de só dar amor mesmo, aquela coisa assim. Era um doce!*"

Foi ainda no início da carreira que Humberto Nóbrega atuou como médico na Usina Santa Helena, antigo Engenho Pau D'Arco, local onde nasceu o poeta Augusto dos Anjos. Nessa época, Humberto conviveu com os remanescentes do escritor, através dos quais colheu subsídios para escrever a obra *Augusto dos Anjos e Sua Época*, em que narra um perfil inédito de Augusto dos Anjos e um retrato da sociedade pessoense no início do Século XX.

Segundo os filhos, Humberto nasceu na Rua General Osório, Centro de João Pessoa. Foi o sexto filho do casal Francisco Gouveia Nóbrega, posteriormente, advogado e primeiro Juiz Federal da Paraíba, e Maria Cunha Nóbrega, do lar. De classe média, como ele mesmo se denominou, aos setenta e sete anos, em entrevista concedida ao jornal *O Norte*, em 28 de agosto de 1977 (Nóbrega 1981, p. 39). Seus irmãos, Cassiano e Gerard, também eram médicos. O primeiro, otorrino e, o segundo, sanitarista. Fernando e Apolônio eram advogados; o primeiro é citado por Trigueiro (1982, p. 87), responsável pelo *habeas corpus* concedido pelo Superior Tribunal, durante o governo de João Pessoa, referindo-se a uma cobrança de pedágio, para animais de carga e de montaria, entre os municípios do estado.

Em sua entrevista, José Francisco, filho de Humberto Nóbrega, ressalta: "*Papai tinha esse hobby de colecionar, quando ele viajava sempre trazia algo. Ele tinha coleção de chaveiros, de álbum de fotografias, de pôsteres de cidades onde ele visitava e tudo isso que ele ia arregimentando, ele ia trazendo e guardando lá na biblioteca*".

Humberto Nóbrega, em Nóbrega (1977, p. 33), declara:

Também coleciono fitas magnéticas com, gravações de acontecimentos e conferências literárias sessões cívicas, depoimentos, entrevistas, recitativos, pronunciamentos políticos etc. Ainda é um acervo pequeno, mas já abriga declarações partidárias de velhos amigos que, depois, se tornaram ferrenhos adversários...Tenho ainda uma série razoável de slides. Gosto de viajar. Só me falta pisar, nos continentes, a Oceania, e, no Brasil, o Acre e o Amapá. Por rodovias, por duas vezes, cheguei a Porto Alegre. Do Piauí ao interior de Goiás, conheço de automóvel. Por onde ando, adquiro vistas e aspectos do folclore, em diapositivo. Só do Japão, possuo cerca de 800 slides. Minha coleção de fotos e acontecimentos da Paraíba, segundo determinei, foi transformada em diapositivos.

Ao rememorar o lado colecionista do avô Humberto Nóbrega, Renata Nóbrega registra, ao falar das sessões de slides que ele organizava para os netos:

E a gente ia pro arquivo dele, só que ele sempre estava lá. Essa parte da biblioteca dele ele sempre fez questão de mostrar a gente, mostrar onde tinha, e o que tinha na seção de slides. Ele tinha aquela tela e fazia questão de montar para a gente, e mostrava slides: slides das viagens, da área cultural.

3.2 O ESPIRITUOSO

O humor de Humberto Nóbrega era conhecido pelas peças que pregava às pessoas do seu relacionamento. Poucos escapavam dos seus trotes e brincadeiras, um traço marcante já apresentado por Sales (1991), e contado em entrevista, de forma gentil e terna, por Waldo Lima do Valle:

Era uma nota marcante se sua personalidade. Uma verve rica e suavemente maliciosa, algumas vezes [...] Um excelente contador de estória. Conhecedor profundo da psicologia humana sabia com muita perspicácia identificar os “pontos fracos” dos seus conterrâneos, especialmente dos desafetos [...] E fazia com saborosa ironia.

Os entrevistados falaram do lado espirituoso e divertido de Humberto Nóbrega. Cada um deles relata um caso, alguns contados pelos amigos, e outros vivenciados por eles.

Zélia Maria Andrade McLennan apresenta a seguinte história a respeito das brincadeiras de Humberto, durante as viagens, a sua casa, no Rio de Janeiro. Não esquecia os que haviam ficado, de modo que, a cada viagem, enchia-se de presentes e outros objetos que achava interessantes.

[...] ele costumava, sempre, além de souvenir procurava trazer o que havia de novidade em relação a brinquedos. Numa destas viagens ele trouxe um livrinho que na capa havia a figura de uma jovem em traje de banho com um olhar insinuante quem o pegava tinha a curiosidade aguçada e abria nesse momento levava um choque e o jogava longe. A reação do “leitor” provocava gargalhada no Humberto.

No mesmo sentido, Ivone relata que, numa das viagens ao Rio de Janeiro, Marinita, sua mãe, fritou umas batatinhas. Quando as serviu, Humberto Nóbrega pegou uma porção, levou à boca e comentou:

Maria, essas batatas estão sem sal e frias. Em ato contínuo, José Carlos, uma das crianças da casa, pegou uma quantidade e levou à boca, queimando-a, pois as batatas estavam quentes. Ele ria e vibrava com a brincadeira.

José Francisco percorreu uma das invenções do pai, descrita na íntegra. Ele conta que o número do telefone da casa dele era diferente do da Igreja do Carmo em um algarismo. Numa das vezes em que o atendeu, ele reconheceu que era a voz da irmã do Padre Zé Coutinho.

- É da Igreja do Carmo?"
 Papai disse: "É"
 A senhora perguntou: Quem fala?
 Papai respondeu: É fulano de Tal!
 A senhora pergunta: E quem é você?
 Eu sou um coroinha daqui da Igreja. Responde papai.
 - Quem fala aqui e Fulana de Tal, irmã do Pe. Zé!
 - Pois não o que a Senhora quer?
 Ela disse: Diga ao Pe. Fulano,- não recordo o nome do padre - que na missa de hoje, de seis horas, ele celebre em função de Fulano de Tal também.
 Papai disse: Olhe dona Fulana a senhora me desculpe, mas eu tenho a ordem do padre de só levar o nome quem fizer o pagamento antecipado da missa.
 - Não mas diga a Fulano que sou eu, a irmã do Pe. Zé. Eu passo aí mais tarde, eu vou tomar café e passo aí.
 Aí papai disse. Olhe, ele me disse que não abra exceção para ninguém ou paga ou não pegue o nome.
 - Mas diga a ele - ela já foi ficando nervosa - que sou eu, Fulana de Tal irmã de Pe. Zé!
 Papai disse: Já que a senhora está insistindo eu vou ter que contar a verdade para a senhora.
 -O que é?
 - O Padre disse que se for Fulana, irmã de Pe. Zé, aquela não paga promessa nem a santo não pegue.
 - Ele disse isso, ele disse isso? e desligou o telefone.
 Papai esqueceu o negócio. Às dez horas foi para o Palácio despachar com o Governador quando ele chega na ante sala encontra o Pe. Zé Coutinho. Ele lembrou-se e chamou:
 -Ô Zé, você brigou com Fulano?.
 - Não briguei não Humberto, como é que você soube?
 - Se não brigou eu não soube.
 - Não briguei não! Daqui a uns cinco minutos Pe. Zé chega.
 - Humberto como é que você soube? Papai disse:
 - Houve a briga Zé?
 -Não!
 - Então como é que eu ia saber uma coisa que não aconteceu? Mais dez minutos Pe. Zé chega:
 -Humberto vem cá eu vou te contar . Mas hoje ele fez uma desfeita com Fulana eu, fui lá e disse poucas e boas. Rompemos uma amizade de não sei quantos anos. Aí papai começou a rir.
 - Por que você tá rindo Humberto?
 - Fui eu Zé!
 - O quê? você ..., vá lá desfazer essa briga.
 Papai disse: Eu? Quem brigou foi você, você que vá!

Outro fato semelhante, contado, a seguir, por José Francisco, aconteceu com o primo da esposa de Humberto Nóbrega, chamado Onezipo Novais e que, na época, era juiz e homem de poucos risos. Chegou, inclusive, a ser desembargador e presidente do Tribunal. Era um homem de poucas palavras e sem muita devoção a brincadeiras. Na época, estava sob julgamento um caso de repercussão no Estado, pelo qual ele era responsável. Repentinamente, Humberto Nóbrega resolveu brincar com Onezipo Novais. Então, telefonou para ele e disse:

- Dr. Onezipo? Papai ao telefone.
 - Pois não, quem fala?
 - Quem fala aqui é o jornalista David Nasser, de O Cruzeiro!
 - Quer que o senhor quer?

- Não, é o seguinte: o caso que o senhor está julgando está tendo repercussão nacional e a Direção dos Diários Associados me mandou aqui à Paraíba, para que eu fizesse uma entrevista com o senhor sobre o caso.

- De jeito nenhum eu vou dar entrevista. Porque se eu der uma entrevista, eu tô pré-julgando!

- Mas Dr. Onezipo, o senhor veja, que o senhor está dando uma entrevista a uma revista de circulação nacional. O senhor vai ser conhecido no Brasil todo.

- Já disse que não dou entrevista.

Ele 'esquentava' fácil aí papai disse:

- Dr. Onezipo, o senhor veja o seguinte: eu já cobri a Guerra da Coréia, eu já cobri 'não sei o quê' o senhor acha que eu vim do Rio de Janeiro para aqui, para a Paraíba pra ter uma entrevista, e vai ser um 'juizinho' do interior que vai me negar? Eu vou para aí agora mesmo para fazer essa entrevista!

- Venha!

E bateu o telefone. Papai pegou mamãe, foi para a casa do primo dela. Chegou lá ele estava no terraço, sentado, dois revólveres na cintura.

- Tudo bem, Onezipo?

- Tudo bem, Humberto! Entra.

Papai entrou e ficou com o resto da família e papai começou a contar o "trote", a risadagem começou e ele:

- Tão rindo de quê?

- Venha cá 'Seu Besta' dá logo a sua entrevista! e ele:

- Foi você 'Seu ...'?

Humberto também tinha seus hábitos. Um deles era que não gostava de, em viagem, levar qualquer encomenda ou bagagem de um lugar para outro. Numa determinada viagem de navio, uma senhora pediu-lhe que levasse uma encomenda, que ele só teria o trabalho de levar até o navio e, chegando ao destino, os parentes estariam lá esperando. Em concessão, Humberto atendeu à solicitação e levou a encomenda sem saber o que nela continha. Embarcou no navio.

Quando chegou em Salvador/BA o pacote que estava no chão do camarim começou a juntar formigas. Ele disse:

- As pessoas tem um costume de mandar comida nas viagens. Se eu continuar com esses doces aqui as formigas vão empestar o meu camarim. Pegou o embrulho e jogou no mar. Chegando no porto onde iam desembarcar, as pessoas estavam lá esperando.

- Humberto, onde está a encomenda?

- Ah! quando chegou em Salvador, as formigas começaram a atacar o doce, eu resolvi jogar no mar!.

- Mas Humberto, aquilo não era doce não, eram os restos mortais de fulano.

Apesar de experiências dessa natureza, o lado astuto de Humberto não parava, quando muito adormecia, e de repente, ele inventava mais uma peripécia. Certa vez, ainda Reitor da UFPB, pediu ao motorista para resolver um determinado assunto. Era hora de ir para casa almoçar. E como no campus, na ocasião, só havia a ambulância, ele resolveu usá-la para esse fim. Aproximadamente, uns cinquenta metros de sua residência, pediu ao motorista que ligasse a sirene e entrou na garagem, causando um grande susto em sua esposa, D. Nazaré, o que provocou risos incontroláveis.

3.3 O PESQUISADOR

Pesquisador nato, Humberto Nóbrega já foi apresentado, anteriormente, em Sales (1991, p. 23) e por Suassuna (1974, p. 11), que escreve, na apresentação da sua obra *Arte Colonial da Paraíba*:

Diferentemente da maioria das pessoas que, em sua posição, têm que ser motivadas por esse valor das coisas da Cultura, Humberto Nóbrega, ele próprio é um dos nossos. Deslocou-se da cidade da Paraíba até Sousa, no alto Sertão paraibano, somente para conhecer a fazenda ‘Acauhan’, velho curral de gado do Século XVIII, com a sua capela, onde Frei Caneca passou, preso, um dia e uma noite na sua volta para o Recife, onde seria fuzilado.

Maria de Fátima Santos Alves, bibliotecária, narra, em sua entrevista, um diálogo entre Humberto Nóbrega e as bibliotecárias:

Ele era pesquisador. Ele lia muito. Na sala/biblioteca, a gente tinha um pedaço que a gente trabalhava e se ele estava em casa estava lendo. Ele era uma pessoa que lia muito e que gostava muito de livros. E, tudo que ele comprava, de novo, chegava e ele olhava primeiro. No birô que às vezes a minha amiga dizia:

- Dr. Humberto a gente pode levar para preparar? ele dizia:

- Não deixe esse material aí que eu estou dando uma olhada. Ele ajudava a gente a determinar o assunto. Ele dizia:

- Esse assunto é esse.

Muitas vezes a gente até questionava porque tem livro que trata de mais de um assunto, mas ele não queria não, mas também era o assunto que interessava a ele esse livro trata desse assunto e pode colocar nessa estante.

Humberto Nóbrega era definido por Waldo Lima do Valle como “um homem polivalente. Um pesquisador invejável”.

Humberto Nóbrega, de acordo com José Francisco, “Acordava às cinco da manhã, dirigia-se à biblioteca quase que um hábito diário” e em sua obra, e, por ele mesmo, apresenta seu viés de pesquisador (1962, p. 10) em “*Augusto dos Anjos e sua Época*” afirmando:

Corri às bibliotecas públicas e particulares. Embrenhei-me em pesquisas revolvendo livros de tombo, coleções de jornais, assentamentos eclesiásticos, e fazendo buscas em cartórios, frutos dos quais consegui, compulsar processos de inventário e partilha, alcançar os pentavós de Augusto. Examinei cerca de seiscentos documentos, além de vários objetos guardados por mais de uma geração de Carvalho dos Anjos.



Humberto Nóbrega vai entremear suas atividades profissionais com a de pesquisador. Primeiro, apresenta a tese, intitulada “*Haverá uma Correlação Efetiva entre a Mortalidade e as Variações de Temperatura?*”, na II Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, em Curitiba-PR. Presidiu a Cruz Vermelha Brasileira, Secção Paraíba, e a Comissão Relatora do IV TEMA – Medidas de Ordem Sanitária para o Combate à Mortalidade Infantil IV.

Desenvolveu novas atividades, em nível nacional e internacional, a saber: presidiu o Conselho Regional do Projeto Rondon, na Paraíba; foi sócio benemérito da Associação Interamericana de Direito Romano e diplomado pela Comissão Executiva Central, por ter colaborado com as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil e escolhido patrono dos concluintes do Curso de Administração Pública da Faculdade de Ciências Econômicas da UFPB; na comemoração do IV Centenário do lançamento do *Lusíadas*, proferiu duas palestras: a primeira, no Instituto Central de Letras na UFPB: “*A Iniciativa Cultural que se Impõe*”, e a segunda, no IX I.C.L. da UFPB: “*Camões e sua Obra Eterna*”; “*A Revolução de 1817*” foi o título do discurso feito no encerramento do Curso de Extensão da UFPB, em comemoração aos 155 anos da referida Revolução. O outro foi dirigido aos paraibanos, quando da comemoração pela independência desse estado, com o título “*O Ano do Sesquicentenário*”; na semana do livro, proferiu uma palestra de abertura, cujo título foi “*Semana do Livro*”; publicou, pelo IPPb, a mensagem do Seminário de Altos Estudos do Ensino Superior da América Latina, em Houston - Texas –USA, intitulada *Observações sobre o Ensino Norte-americano*; publicou mais uma obra, “*Caminhos do Planejamento*”, pela Imprensa Universitária; foi condecorado com a medalha do Saneador, pela diretoria do Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Nesse ano, nasceu sua segunda neta, filha de José Francisco e Eulina, Carmem (1972).

3.4 O PROFESSOR

Questionado por Nóbrega (1981, p. 23) sobre a definição de si próprio - se professor, historiador ou colecionador, Humberto Nóbrega assim se define:

Todas as opções colocadas em sua pergunta me interessam profundamente. Além das hipóteses nela previstas, cativa-me sobretudo a atividade médica. Ainda que toda definição seja perigosa, para atender a sua curiosidade (pois considero a objetividade na expressão do pensamento como uma qualidade fundamental para todo homem) ousaria

definir-me como historiador e médico. [...] Acredito que ao longo da minha existência tenho sido um servo fiel da “Mestra da Vida” que é a História. Defino-me exatamente como historiador e médico.



Em 1946, Humberto Nóbrega entra em sala de aula, para lecionar Higiene Industrial, Organização do Trabalho e Contabilidade Industrial na Escola Industrial de João Pessoa.

Como professor, ele também foi motivo de competência, admiração, orgulho, influência e exemplo para os que o cercavam. Em relação às atividades didáticas, Waldo Lima do Valle declarou que ele “era competente, humano compreensivo, simples e soube fazer-se estimar.”

Meu avô teve uma influência muito grande na minha formação como pessoa. Ele era culto, íntegro, uma pessoa caseira, que valorizava muito a família e o bem-estar de todos. Ele, para mim, é uma referência. (Silvana Nóbrega Tomaz)

O fato de eu ser professora, o fato de que ele era professor de universidade e eu gostar também, isso me influenciou a participar dessa banca. E a aluna citando o trabalho dele. Outra vez na reunião de outra universidade particular o professor estava questionado, debatendo o comportamento que tinha que ser tomado por uma coordenação, um professor levantou e disse: eu acho que a gente deve agir como um reitor que eu conheci que foi um dos melhores que existiu no mundo, que foi o Dr. Humberto Nóbrega “e começou a citar os comportamentos que ele tinha tido em sala de aula com esse professor e disse: eu participei como professor da universidade e ele como meu reitor. E se comportou assim, e isso é muito importante. (Carmem Almeida Lyra Nóbrega)

3.5 O IDEALISTA

Humberto Nóbrega também foi professor universitário e fundou a Faculdade de Medicina, que surgiu por iniciativa de um grupo de idealistas, entre os quais ele se achava. Uma instituição, portanto, oriunda da iniciativa privada. Então, foi criada a Universidade Federal, pela iniciativa privada; inicialmente, a Faculdade de Medicina, posteriormente incorporada à Universidade Federal, fundada no Governo de José Américo pelo Estado e, posteriormente, federalizada.

Por iniciativa da classe médica paraibana, foi criada em João Pessoa, a 25 de março de 1950 a Faculdade de Medicina, Odontologia e Farmácia, constituída em sociedade civil, cuja diretoria foi eleita e empossada no dia 30 de abril do mesmo ano.

Foram seus principais obreiros os drs. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega e Lauro Guimarães Wanderley (MELLO, 1956, p. 159)

Mello (1956, p. 158) relata, em seu livro, que o governo do estado, através da lei nº 470 de 21 de abril de 1950, concedeu auxílio de “um milhão de cruzeiros”, moeda da época, em apólice de dívida pública, e por meio do decreto nº 224, permite à Faculdade ministrar nas clínicas, nos estabelecimentos hospitalares do estado e que as aulas teóricas fossem ministradas nos anfiteatros e instalações até ficar pronta a sede própria. Seu funcionamento foi autorizado através do decreto nº 30.212, do dia 27 de novembro de 1951. O autor refere, ainda, que “o corpo docente da Faculdade de Medicina, escolhido entre os vultos de maior projeção no nosso corpo médico, ficou assim constituído [...]: Otorrinolaringologista, Cassiano Carneiro da Cunha Nóbrega, irmão de Humberto [...] Higiene, Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega.

A faculdade foi reconhecida pelo decreto nº 38011, de 5 de outubro de 1955, do Presidente da República João Café Filho. É subvencionada pelos governos da União, do Estado e do Município. Foi seu primeiro Diretor, o dr. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega que, ao ausentasse da Paraíba foi substituído pelo dr. Newton Nobre de Lacerda. (MELLO, 1956 p. 162)

Sales (1981, p. 21) narra que, ao voltar de Fortaleza-CE, Humberto Nóbrega, já como Diretor do Departamento Estadual de Saúde, chama o Dr. Lauro Wanderley e, sem rodeios, pergunta:

Está disposto a fundar comigo a Faculdade de Medicina da Paraíba? A resposta veio imediata e incisiva. Firmaram pacto e passaram a ação. Diligenciaram providências e a 25 de março de 1950 na Sociedade Medicina Paraíba, à Rua das Trincheiras, 62 reuniram-se os fundadores e instalaram a Faculdade de Medicina, Odontologia e Farmácia da Paraíba.

Sales (1991, p. 21) afirma que, no livro, Humberto narra, em um primeiro volume de sua documentada *História da Faculdade de Medicina da Paraíba* (1980), a ingente luta que travou para concretizar e consolidar uma ideia concebida durante sua estada em Fortaleza nos idos de 1949.

Dr. Humberto foi realmente um esteio para que acontecesse a implantação da Faculdade de Medicina aqui na Paraíba e isso é do domínio público. Foi extremamente importante não só para o estado da Paraíba, mas para outros estados vizinhos que tiveram condições de mandar seus filhos para estudar numa universidade mais próxima. Como nós sabemos, as Universidades mais antigas eram da Bahia e depois a de Pernambuco. A da Paraíba proporcionou aquelas pessoas que tinham vontade de fazer o curso e não tinham acesso por causa da distância, pelas condições financeiras, realizar aqui na Paraíba, seus objetivos acadêmicos. Ele, além de ter sido responsável pela criação, foi pela implantação e pela continuidade durante muito tempo. Ele passou bastante tempo à frente dos interesses da Faculdade de Medicina, como professor e diretor, juntamente com Dr. Antonio Dias, Dr. João Medeiros e de outros médicos seus amigos. Podemos afirmar que o esteio para a criação da Faculdade de Medicina da Paraíba, foi o Dr. Humberto. (Cícero Ernesto)

3.6 O REITOR

As atividades de Humberto Nóbrega como Reitor, função para a qual foi nomeado em 1971, no governo militar do general Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974), são também muito citadas e elogiadas pelos entrevistados. Nomeado Reitor, escolheu seus assessores e colaboradores que, até os dias de hoje, falam desses momentos, com respeito e admiração, definindo, de várias formas, o comportamento de Humberto durante o seu mandato. Todos, sem exceção, falam da sua honestidade e zelo com o dinheiro público, como mostram estas palavras de Suassuna (1974, p. 12):

Por outro lado, não sei se por excesso de escrúpulos, ou por saber da dificuldade que os escritores de províncias, como nós, encontramos para editar nossos trabalhos, Humberto Nóbrega, num belo gesto, não quis, agora, se valer de sua posição de Reitor para editar o livro, que seria caro graças à abundante documentação fotográfica. Creio que foi mais por essa última razão, porque, quanto à primeira, bastaria o fato de ele estar valorizando a Igreja de São Francisco para lhe dar autoridade para considerar o seu livro prioritário. Mas acho que no caso, prevaleceu, mais, a segunda razão: sendo ele o Reitor, conhece a pauta de outros livros importantes que estão na Imprensa Universitária da Paraíba, aguardando vez e não quis perturbar essa pauta onerando ainda mais os orçamentos sempre deficitários das entidades do Nordeste.

Como relatam, também, os entrevistados:

Dr. Humberto administrador, era uma pessoa além de consciente, extremamente respeitador. Com todos assessores em todos os níveis, desde a pessoa que fazia a limpeza até os diretores de Centro, ele tratava todos igualmente. E todas aquelas pessoas que trabalhavam lá dentro da Reitoria, direta ou indiretamente, com ele, todos tinham respeito e gostavam demais de Dr. Humberto. Exatamente por essa maneira de ser, essa simplicidade, foi um Reitor que até o carro que teve que ser comprado para reitoria, me deu um grande trabalho para convencê-lo. O carro que tinha ficado do Reitor anterior, era um veículo que não tinha mais condições mecânicas de transportá-lo, quebrava continuamente e nessa época eu, como Diretor de Departamento de Administração, quase que o obrigo a me autorizar a comprar um carro para transportá-lo.

Era um homem dessa qualidade. As permanentes ações que se faziam necessárias, dentro da Universidade, eram sempre em consenso. Em nem um momento nunca eu vi Dr. Humberto tomar uma decisão sem antes consultar todos os seus assessores, todos os seus Pró-Reitores. Quando era uma decisão que implicava, digamos numa responsabilidade maior para a Universidade, ele humildemente consultava todos, não tomava nenhuma decisão intempestiva.

Dr. Humberto participava periodicamente das reuniões de Conselho de Reitores, eram reuniões itinerantes, havia essas reuniões em alguns estados, mais para o Sul do país. Ele participava e dos contatos que tinha, recebeu convites para visitar países da Europa – França, Alemanha - e numa dessas viagens, Dr. Humberto, firmou um convênio entre a Universidade e uns países do Leste Europeu, isso no sentido da Universidade receber equipamento para apoio aos cursos na área de Engenharia, Saúde (Hospital Universitário), etc. Isso trouxe para a Universidade muitos e bons equipamentos que foram suprir as necessidades que a Universidade tinha na época. Bastante interessante esse relacionamento, pois além de ser um relacionamento com o primeiro mundo estava abrindo as portas da Universidade para culturas bem mais evoluídas. Isso foi bastante enriquecedora para a Universidade. (Cícero Ernesto)

Arguto e perspicaz sabia recrutar pessoas inteligentes e capazes como seus colaboradores, colocando sempre “a pessoa certa no lugar certo.” Tinha um verdadeiro “faro” para isso. Creio ter sido esse um dos pontos principais do sucesso de sua administração. Mesmo em uma época de “Revolução” não relutou em contratar pessoas de outras linhas de ideologia para a sua equipe, tendo muitas vezes que justificar essas escolhas junto aos órgãos de segurança da Revolução. (Waldo Lima do Valle)

E Brito afirma: (1971, p. 3).

Para o reitor Humberto Nóbrega, a UFPB, continuará uma universidade de vanguarda, sensível à abertura e aberta à renovação como foi na administração do professor Guilardo Martins Alves. [...] Humberto Nóbrega, prometeu manter a linha de continuidade sem prejuízo às novas iniciativas.

Waldo Lima do Valle relata a idoneidade, o caráter, a competência e a honestidade pessoal e administrativa, o respeito conquistado dos colegas, superiores e auxiliares e reitera:

Humberto Nóbrega revelava um grande equilíbrio nesse relacionamento, sendo incapaz de uma atitude servil diante de ministros e outras autoridades, revelando-se profundamente humano com os seus colaboradores. Prova disto as sucessivas homenagens que recebeu dos seus auxiliares de todos os escalões, ao final de sua gestão.

Sabia muito bem descentralizar, com humildade, reconhecendo as suas limitações com extraordinário bom senso. Delegava tarefas tinha extrema confiança na capacidade dos seus auxiliares.

Erário público excelente, honesto e cuidadoso na gestão do dinheiro público revelando-se até mesmo um pouco exagerado, a ponto de renunciar as diárias e ajuda de custo em viagens que fez ao exterior, algo absolutamente legítimo. Era comum, ele devolver diárias não utilizadas em viagens a serviço dentro do território nacional.

Ainda sobre as qualidades desse paraibano, Eulina Almeida Lyra Nóbrega assim se expressa:

Íntegro, equilibrado, sem a vaidade, o homem certo para o lugar. O homem certo para ocupar aquele lugar. Aquele lugar tinha que ser ocupado por Dr. Humberto ele era um professor um homem dedicado à cultura ocupado ele era destinado a ser reitor. A coisa mais certa foi a indicação de Dr. Humberto para reitor daquela universidade. Seria uma injustiça para a Paraíba e para ele se ele não tivesse sido Reitor.

3.7 O ESCRITOR

Escrever, na concepção de Humberto Nóbrega, era um *hobby*. Conforme depoimento de José Francisco,

[...] ele gostava tanto de escrever que, ele até para não se cansar muito, escrevendo, naquela época, não se usava máquina de datilografia e muito menos existia computadores, ele apesar de ser destro, aprendeu a escrever com a mão esquerda. Então escrevia tanto que quando cansava com uma mão entrava com a outra e isso quando ele não estava fazendo o exercício da Medicina ele estava fazendo alguma coisa do lado da cultura.

Maria Ana diz que, quando se vai falar a respeito do escritor Humberto Nóbrega, devem-se citar os seus livros, quais sejam: “*A História da Faculdade de Medicina*”, “*A arte colonial na Paraíba*,” “*Augusto dos Anjos e sua Época*,” “*Evolução Histórica de Bananeiras*,” “*Raízes das Ciências da Saúde na Paraíba*.”

Toda a sua produção literária, entendida aqui na perspectiva de Cândido (1995), que concebe a literatura como toda forma de produção escrita das grandes civilizações, incluindo-se desde as mais simples às mais complexas formas, desde o que chamamos de criação poética ou ficcional ou ainda literatura dita técnica.

Seu passatempo - escrever - que, de acordo com José Francisco, está diretamente ligado ao ato de ler, já que era regra acordar às 5.30h para uma leitura matinal. Portanto, sua Biblioteca era formada de todos os gêneros:

A biblioteca de papai, ela foi construída ao longo do tempo. Muitos exemplares foram adquiridos por ele, outros doados por amigos. Alguns sabendo do gosto que ele tinha o presenteavam e era um hobby que ele tinha, porque na biblioteca tinha os mais variados tipos de livros, publicações, desde os livros de história, livros de medicina, fotografias e álbuns. Então, era bem diversa a biblioteca dele. Essa biblioteca ele mantinha em casa e com a morte dele mamãe manteve, e com a morte de mamãe [...]

E foi na qualidade de escritor que foi eleito para a Academia Paraibana de Letras em 1973. O relato de José Francisco é uma demonstração do amor pela vida literária, praticado por Humberto Nóbrega:

Papai foi membro da Academia Paraibana de Letras. Ele era um apaixonado pela Academia. Na sua entrada naquela casa, ele foi saudado pelo um grande amigo, Ernani Sátyro, de forma que ele se sentia bem porque ele era um homem de cultura e convivia ali com seus pares muito bem. Da mesma forma que ele foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e por algumas vezes ele presidiu aquele Instituto. Ele tinha, também, uma grande admiração, um grande amor pelo Instituto Histórico.

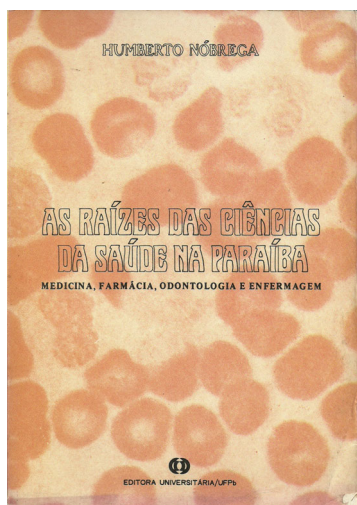


Na área de saúde, o mestre Humberto Nóbrega não descurou sua preocupação em refletir sua prática, pois registrou, em quatro tomos, a *História da Faculdade de Medicina da Paraíba*, uma preocupação também de caráter memorialístico, onde narra a idealização e a criação dessa faculdade que, a princípio, era privada e, posteriormente,

foi federalizada e incorporada à UFPB. Lançado pela Editora da UFPB, os dois primeiros volumes foram publicados em 1980, o terceiro, em 1981, e o quarto, em 1983. O livro foi prefaciado por João Lyra Filho, que o introduziu assim:

O espírito de Humberto Nóbrega, valor atuante em nossa terra natal, envolve múltiplos saberes. A provisão dos conhecimentos acumulados pelo infatigável polígrafo abarca domínios da filosofia, das ciências, das letras e das artes, influenciando a cultura nacional com textos preciosos. Assunto a cujo estudo se devota o mestre paraibano, com o intuito de versá-lo numa ou noutra publicação, só se apresenta por inteiro.

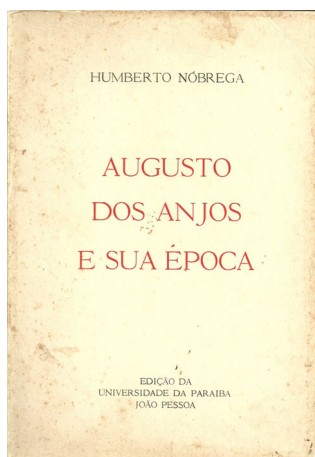
A obra *“As Raízes das Ciências da Saúde na Paraíba”*, lançada em 1979, é um livro que relata a chegada do médico na Paraíba e conta a evolução dos grandes profissionais da Medicina. O número foi crescendo e vindo até de fora figuras de Sergipe, do Rio Grande do Norte e de estados vizinhos para exercer a profissão aqui. A Paraíba atraiu médicos como Antônio Dias, o sergipano Lauro Guimarães Wanderlei, do Rio Grande do Norte, e Dr. Milton Lacerda. Foram



figuras que brilharam no setor médico da Paraíba, que vinham de fora atraídos por essa terra. Afora os que se formaram aqui, houve grandes médicos, como João Alberto Toscano de Medeiros, o próprio Humberto e muitos outros. O livro mostra ainda, como se formou a Faculdade de Farmácia no estado, um livro interessante para a Odontologia. A criação de uma das Escolas de Enfermagem aqui ligada ao setor de Saúde a Escola de Enfermagem da Universidade Federal está retratada nesse compêndio, de autoria de Humberto Nóbrega. Na nota introdutória do livro, ele assim se expressa em relação às atividades médicas iniciadas desde a sua origem (1979, p. 11):

É uma peleja tão velha e válida quanto a própria humanidade. Pena é que não a tenhamos totalmente vencida, apesar dos progressos alcançados e descobertas científicas e técnicas, frutos do poder, valor e superioridade da inteligência humana.

Ele foi, portanto, uma figura dedicada à Ciência, que abraçou a História da Paraíba e de paraibanos ilustres. Dedicou-se também às letras, propriamente à literatura – com o livro sobre a vida e a obra de Augusto dos Anjos, publicado em 1962 pela Universidade Federal da Paraíba - *“Augusto*



dos Anjos e sua Época”, que é citado por quase todos os entrevistados, também editado pela Editora Jornal do Comércio de Recife/PE

Humberto Nóbrega (1962, p. 8), fala, de forma literária, do seu desconhecimento a respeito do poeta até se debruçar nos escritos e nas próprias anotações, demonstrando a importância da pesquisa para a realização de um trabalho científico.

Mas, até então, só conhecia o Augusto a quem os críticos classificavam de poeta da dor, poeta da tristeza, do pessimismo, da incredulidade, poeta fronteiro da loucura - e que cedo adquirira a tuberculose! Um deles chegou ao desprazo de apontá-lo como aferrado a hábitos profundamente anti-higiênicos! E todas essas deformações estavam passando em julgado, como verdades inconcussas!

E continua, de forma lírica:

Aquelas páginas desbotadas pelo deslizar do tempo (mais de cinquenta nos que foram impressas!) vieram revelar-me um outro Augusto bem diferente: crédulo, alegre, chistoso inspirado em motivações do belo e do jucundo – facetas desconhecidas e até mesmo negadas pelos seus exageros mais eminentes. Na verdade ali o temos decantando as belezas e focalizando os jovens de talento ou os janotas de então; fazendo-se de cronista social e poeta de anúncios comerciais.

Os entrevistados também se referem, com muita constância, à referida obra, como mostram suas falas a seguir:

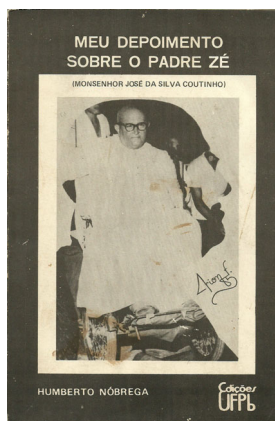
“ Augusto dos Anjos... sei que o trabalho dele [Humberto Nóbrega] sobre Augusto dos Anjos foi muito elogiado e reconhecido por todos”. (Zélia Maria Andrade McLennan)

Sei que ele tinha uma admiração muito grande por Augusto dos Anjos. Certa vez ele organizando a Biblioteca, em um local na sua casa, onde já morava definitivamente, no Cabo Branco, ele me mostrou uns sapatos que pertenceram a Augusto dos Anjos. Ele tinha alguns pertences de Augusto. Aquilo me fez ver seu apreço por Augusto dos Anjos. (Cícero Ernesto)

Ele era uma pessoa que gostava muito de Augusto dos Anjos e era, também, amigo da família; isso ele falou para a gente. Nós tivemos curiosidade porque ele disse que tinha uma camisinha (roupa de batismo que se encontra no Arquivo Humberto Nóbrega - AHN) e o sapatinho de Augusto dos Anjos. Disse que era muito amigo da família e que a família passou esse material para que ele quando Augusto dos Anjos morreu. (Fátima Santos)

Muita sensibilidade no campo de investigação histórica e extremamente criterioso na análise e interpretação dos fatos. Acredito que essa tenha sido a “sua praia” ... Aí ele se realizava em plenitude. (Waldo Lima do Valle)

Ele gostava muito de Augusto dos Anjos, ele falava muito de Augusto dos Anjos os poemas de Augusto dos Anjos e ele recitava e escreveu um livro sobre Augusto dos Anjos. Ele tinha uma coleção de objetos que tinha pertencido a Augusto dos Anjos. Quando ele escreveu esse livro de Augusto dos Anjos as tias, de Augusto dos Anjos, as irmãs, familiares de Augusto dos Anjos deram a ele um sapatinho uma camisinha que pertenciam a Augusto dos Anjos novinho esse objetos estão no UNIPÊ. (Carmen Almeida)



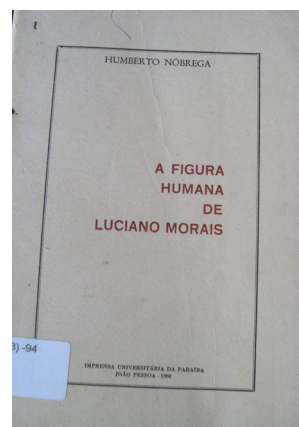
O relacionamento com o padre Zé Coutinho era muito próximo, e eles viviam se prometendo fazer a biografia do outro. Humberto ganhou e escreveu, depois da sua morte, o livro “*Meu Depoimento sobre Padre Zé*”, publicado pela Editora Universitária da UFPB, em 1986. De acordo com Renata Nóbrega, ele já se encontrava doente:

“Ele doente [Humberto Nóbrega], depois de superar a doença, que é um exemplo para todos nós, superou, lançou o livro que ele lançou do Pe. Zé Coutinho, ele já estava doente. Quando terminou, e ele tentou tomar à frente na medida do possível, de procurar ver a capa como é que estava ele já tinha tido o derrame”.

Escreveu ainda sobre “*A Figura Humana de Luciano Moraes*”, um homem de letras que pertenceu à Academia Paraibana de Letras. Era um médico psiquiatra e escreveu um livro que foi lançado pela Imprensa Universitária em 1967. Na área de história, escreveu o livro

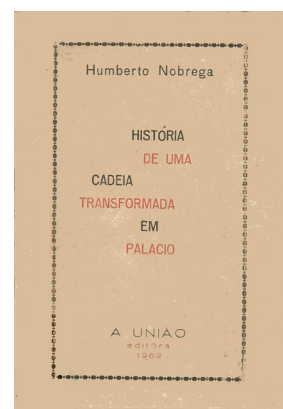


“*O Meio e o Homem da Paraíba*”, datado de 1950, pelo Departamento de Publicidade da Paraíba. Ainda de natureza histórica, voltou a publicar pela “*Gráfica A União*”, com estilo próprio. Em 1965, lança o livro



“*Do Convento a Palácio*”. No prédio onde hoje está instalado o Palácio da Redenção, funcionava um convento, que foi transformado em Sede do Governo do Estado, na gestão do presidente João Pessoa. Era suntuoso e belo arquitetonicamente.

Em 1962, escreveu o livro “*História da Cadeia Transformada em Palácio*”, que publicou pela União Editora, sobre a cadeia pública do estado que, quando deixou de ser cadeia, no Governo José Américo de Almeida, e se criou aqui a chamada penitenciária modelo, que hoje é a Penitenciária do Roger, com o nome de Desembargador Flósculo da Nóbrega, foi reformada e denominada Palácio da Aviação e Obras Públicas. Hoje funciona a Central de Polícia.





Em 1974, lançou o livro *“A Arte Colonial da Paraíba”*, que retrata a arquitetura colonial desse Estado, com destaque para o Convento de São Francisco, fonte de estudos para os interessados nas artes coloniais da nossa arquitetura, considerado pelos entrevistados como um livro completo:

Tivemos o privilégio de visitar a Igreja de São Francisco com ele como guia e explicando com detalhes tudo o que víamos. Anos depois voltamos à mesma Igreja, o guia acabou dizendo que tudo o que ele mostrava estava no livro “Arte Colonial da Paraíba” do Professor Humberto Nóbrega. Fiquei feliz e orgulhosa [...] (Zélia Maria Andrade Mc Lennan)

No ano de 1970, centenário da Cultura da Paraíba, publicou uma obra cujo título é *“Calendário Cultural da Paraíba”*, pela Imprensa Universitária.

Em 1956, a Imprensa Oficial de João Pessoa publicou o seu livro, *“Breve Introdução ao Estudo da Higiene”*.

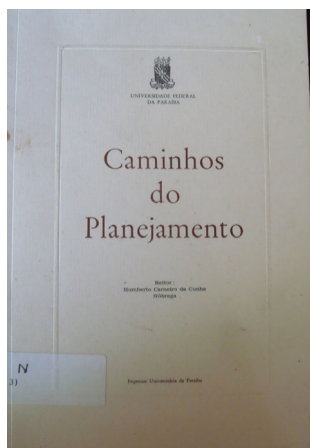
Já *“Dois Tempos de uma Cidade”* foi publicado pela Imprensa Universitária em 1966.

Publicou, pela Editora Universitária, a obra *“Evolução Histórica de Bananeiras”*, em 1968.

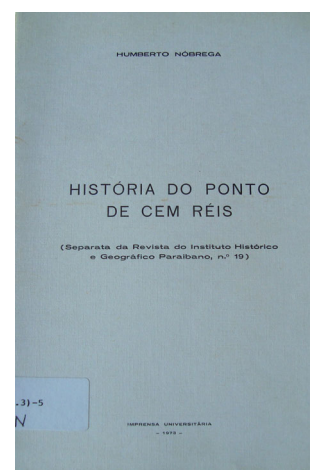
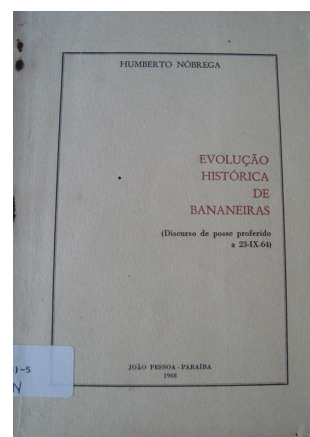
Em 1973, *“História do Ponto Cem Réis”*, pela Imprensa Universitária, em separata, na revista de n 19 do IHGP.

1972 é o ano do livro *“Caminhos de Planejamento”*, publicado pela Imprensa Universitária, UFPB, enquanto *“Expansão & Consolidação”* é lançado em 1973.

Pela Imprensa Oficial de João Pessoa/PB, publicou, em 1975, a obra *“Breve Introdução ao Estudo da Higiene”*.



Para além de livros publicados, Humberto manteve seu papel acadêmico publicando seus estudos, como professor de Medicina, em periódicos especializados, como por exemplo, o publicado no Boletim do Serviço Nacional de Lepra, Rio de Janeiro, ano X, n. 3, intitulado *“Contribuição à História da Lepra na Paraíba”* em 1951.



Em 1954, nos anais do I Congresso Médico Militar Brasileiro, em São Paulo, publicou “*Alguns Aspectos Epidemiológicos e Militares da Esquistossomose no Brasil*”, e nos Anais da Faculdade de Medicina de 1956, v. 1, o artigo “*Helmintoses no Nordeste*”. No mesmo ano, na Revista Brasileira de Medicina v. XIII, nº 10, da Paraíba, publicou “*Tricocefalose*”.

Na *Revista Paraíba, Ontem e Hoje*, n. 1, Ano I – Editora Iterplan, João Pessoa PB, publicou “*Os Pioneiros da Medicina na Paraíba*”, em 1975.

Quando se despediu da Universidade Federal, escreveu uma seleção de discursos. Do reitorado que ele exerceu, tão dinâmico e tão interessante, foi publicado “*Orações de Despedida*”, 1975.

Escreveu também “*Observações sobre o Ensino Norte-Americano*”, datado de 1972; e, no ano seguinte, publicou, pela Imprensa Universitária, a obra “*UFPB: “Expansão & e Consolidação”* em 1973; “*Seis Anos de Administração*”. 1974 é o ano da publicação do “*Fruto de Esforço Comum*” e, em 1975, publica “*1974- o Ano Decisivo*” também pela Imprensa Universitária.

Em 1963, foi eleito sócio efetivo do IHGP, escreveu e publicou artigos na revista daquele instituto. Na sua posse, inicia o discurso com as seguintes palavras:

Nesta altura da vida, quando os cabelos brancos tendem, inexoravelmente, a invadir minha cabeça, uns marcando a passagem do tempo, outros, duras batalhas, com triunfo, derrotas, e até dolorosas injustiças e incríveis ingratidões – nesta altura da vida, vejo realizar-se um sonho de juventude: pertencer ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. (1968, p.16)




Foto 1 - Humberto Nóbrega membro do IHGP
Acervo - IHGP

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, n. 20, em 1964, publicou um texto de conferência, intitulado “*Alagoa Nova*”. O artigo “*Restauração da Fortaleza de Santa Catarina*” foi publicado, no ano de 1967, em separata, na referida Revista, n. 16. Já em 1968, publicou, ainda, em formato “*Evolução Histórica de Bananeiras*”, no mesmo periódico, n. 21, João Pessoa - PB, em 1975, apesar de já haver publicado um livro com o mesmo título em 1968.

Em *O Norte Literário*, de abril de 1975, periódico de circulação local, publicou “*Augusto dos Anjos e Seu*

Tamarindo Perpetuado”. Assim, Humberto Nóbrega deixa um legado intelectual para a Paraíba, cumprindo o que Foucault (1992, p. 143) preconiza: “o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, ‘um corpo’ [...] a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue [...]. Ela transforma-se no próprio escritor.

3.8 CONDECORAÇÕES RECEBIDAS

Pelos serviços prestados, Humberto Nóbrega foi agraciado com títulos honoríficos, não só na Paraíba, mas em outros estados do Brasil e no exterior, alguns dos quais relacionamos a seguir:

Título de cidadão soledadense honorário - Lei Municipal nº 04/75;

Título de cidadão bananeirense honorário;

Patrono geral dos formandos de julho de 1975 pela UFPB;

Presidente de honra do IV Congresso Brasileiro de Análise Clínica, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Análise Clínica;

Homenageado de honra, no “*I Seminário Universitário de Direito Penal*”; Proferiu palestra no 1º Seminário de Estudos sobre a Previdência Social em João Pessoa; – PB, intitulada “*O Sentido do Outro*”;

Pronunciou oração como paraninfo dos engenheiros civis, formados pelo Centro de Tecnologia da UFPB, intitulada “*Tecnologia & Humanismo*”; Proferiu um discurso como paraninfo das turmas de Economia e Ciências Contábeis, intitulado “*A Universidade e o Progresso Sócio-econômico e Cultural do Meio em que se Insere*”;

Proferiu discurso, como paraninfo do Curso de Pedagogia, intitulado: “*O Papel do Mestre e a Sociedade Moderna*”; e na Abertura da Assembléia Universitária, com o título: “*Galhardeando Méritos*”;

Proferiu discurso, declarando instalado o 1º Curso Nacional sobre Direitos Autorais – João Pessoa - PB, intitulado “*A Ascendência do Fazer sobre o Ser*”;

Pronunciou discurso na abertura da Assembléia Universitária, intitulando-o de “*A Comunidade Paraibana Reverencia um Coestaduano Eminente*”; Pronunciou discurso declarando aberto o 1º Seminário Paraibano de Cardiologia – João Pessoa - PB, intitulado “*O Avanço da Cardiologia visto por um dos seus Favorecidos*”;

Discursou na implementação do curso de pós-graduação em nível de Mestrado, no Centro de Tecnologia da UFPB, intitulado: “*Os Cursos de Mestrado e o Destino de uma Comunidade*”;

Pronunciou discurso em Sessão Solene na Assembleia Legislativa, em 24.09.1975, para homenagear o autor, intitulado “*Palavras de Gratidão*”.

4 A BIBLIOTECA PARTICULAR DE HUMBERTO NÓBREGA

Então a Biblioteca dele era o reino mágico! A biblioteca dele, para a gente, era um reino. Aquilo ali tinha globo pequenininho, tinha livro pequenininho, era um jardim, era um parque de diversão que ele dava acesso à gente. (Renata Almeida Lyra Nóbrega)

Humberto Nóbrega, de acordo como o seu amigo de adolescência e de faculdade, escreve a respeito do seu hábito de colecionar chaveiros, álbum de fotografias e pôsteres de cidades que ele visitava. E tudo isso que ia arregimentando ele guardava na biblioteca. Seus amigos, sabendo do seu passatempo como colecionador, presenteavam-no com o que consideravam de seu interesse. O Dr. Nilton Almeida, por exemplo, ao encontrar documentos históricos no lixo, apanhou-os e os entregou a Humberto Nóbrega que os considerava um tesouro como registrado em Nóbrega (1981, p. 27).

A prática que muitas pessoas têm por natureza adquirir com o tempo e, muitas vezes, sem se dar conta, vai juntando determinado tipo de objeto, quando percebe, já é um colecionador. Para Moraes (1998, p. 18), “coleccionar é uma arte. E como toda arte, é preciso que esteja combinada com o conhecimento, com o “*mitier*”, para se tornar uma verdadeira criação.” Ele diz, ainda, que “não há coleção tola ou ridícula quando feita com arte, gosto e conhecimento”.

Vê-se, então, que a prática de leitura desenvolvida e alimentada por Humberto Nóbrega, durante sua vida, conforme José Francisco, fez dele um colecionador, conforme se observa em seu acervo, não apenas um colecionador de livros, mas de vários objetos, o que se verifica quando se olha detalhadamente a riqueza do acervo composto de livros, periódicos, alguns exemplares da “*Revista Era Nova*”, documentos como cartas do poeta Castro Alves, correspondências do poeta Augusto dos Anjos e de sua genitora, além de objetos pessoais do referido poeta. Já naquela época, apresentava a ideia moderna de biblioteca, não só como um ambiente formado pelo tripé - livro, leitura e leitor - não necessariamente nessa ordem.

Ele era uma pessoa muito organizada. E fiquei impressionada a primeira vez que eu entrei na biblioteca dele lá na casa dele. E ele catalogava, era muito, muito organizado tinha tudo muito lindo. Eu fiquei muito satisfeita de ver. (Zélia Maria Andrade Mc Lennan).

4.1 BIBLIOTECA: espaço de saberes e sabores

A construção da BHN foi planejada para ser instalada numa das dependências da residência do seu idealizador. Para isso, pensou-se na localização das janelas e das portas, considerando o movimento da terra. De acordo com o filho, ele próprio, como engenheiro, foi quem planejou a BHN na área de sua residência.

Nas entrevistas com alguns dos membros da família e amigos do escritor, eles elogiam e enaltecem o trabalho e a dedicação que ele dispensava a esse acervo. A BHN é vista sob os mais diferentes olhares. Olhar infantil de netos, olhar adulto das sobrinhas, olhar do construtor José Francisco e olhar das bibliotecárias, que a organizavam, e das amigas. Hoje cada uma dessas pessoas fala como a viam:

Lembro do meu avô sentado na cadeira, a impressão que dava era que o mundo parava quando ele estava lá. Ele passava horas e horas naquele lugar, lendo, apreciando sua coleção de selos, organizando seus livros. Tudo era muito bem organizado, ele zelava muito pelo seu acervo. Quando chegávamos lá, na biblioteca, tínhamos que desacelerar, porque lá, não podíamos fazer bagunça. Ele não dava- 'acesso'- como a gente fez que as quatro subiram e foram brincar na biblioteca dele, com as coisas dele". (Renata Nóbrega).

O carinho e o respeito que Humberto Nóbrega devotava aos escritores paraibanos são comentados pelos entrevistados e reiterados por Fátima Santos, em relação à organização da BHN.

Eu lembro que ela, a biblioteca, era comprida; as prateleiras das estantes em alvenaria, de um lado e do outro esse lado aqui todo é sobre a Paraíba, porque o acervo dele era sobre a História da Paraíba, Medicina na Paraíba. Do outro, lado generalidade, filosofia, psicologia o que tivesse, ciências sociais e humanas, tecnologia e saúde. Mas desse lado você não encontrava nada sobre a Paraíba por que sobre a Paraíba estava tudo daquele lado. Você podia até encontrar um assunto, o mesmo assunto aqui e lá, mas como estava enfocando o aspecto do estado da Paraíba, já não ficava. Ficava separado. É tanto que quando se queria qualquer assunto, pesquisava na Paraíba e lá no geral, também o mesmo assunto.

Ela completa:

Ele tinha cartas pessoais de escritores tinha até umas de Castro Alves. Às vezes a gente olhava os assuntos das cartas, ele mandava a gente olhar os assuntos das cartas. Mas eu acho que essas cartas nem existem mais porque era tão delicado o papel naquela época década de 70 ele já tinha cartas de mais de vinte anos.

E continua:

Na biblioteca ele sempre trabalhava com Maurílio de Almeida, médico, que tinha uma biblioteca também excelente que eles faziam, naquele tempo, como um intercâmbio. Quando um não tinha comprava e, comprava para o outro, se entendiam. Era realmente como intercâmbio que eles faziam. Desde daí a duplicidade de acervo. Muita coisa que ele tinha, mas ele queria para o acervo dele. E Maurílio de Almeida também conseguia a mesma obra ele morava vizinho, mas cada um tinha seu acervo, Cada um tinha seu patrimônio como se dizia. 'Eu passo para os outros, mas esse aqui é meu.

Percebe-se, então, que, na Paraíba, existem bibliotecas privadas que auxiliam na (re)construção da história cultural paraibana, assim como na interpretação da história das ideias, desde que dediquemos a elas parte de nossas investigações.

Assim, encontra-se na BHN, de acordo com Nóbrega (1981), o primeiro livro impresso na Paraíba, o arquivo do amigo Padre José Coutinho, coleções completas de jornais e de revistas, assim como fotos de momentos históricos da Paraíba, documentos assinados pelo Imperador Pedro II (ANEXO E) e documentos originais assinados pela Princesa Isabel (ANEXO F), que trata do título do Barão de Abiahy e, de acordo com Maria Ana Castro, coleção da *Revista Era Nova*, além de fitas K7 com depoimentos de fatos históricos inclusive de adversários. “[...] sabendo-se de antemão, que se trata de uma das mais valiosas coleções particulares do Nordeste”.

O próprio Humberto Nóbrega comenta em entrevista: “Julgo possuir entre 3.000 e 600 e 3 mil e 800 volumes aproximadamente (NÓBREGA, 1981).” Muito embora, em declaração datada de 12 de agosto de 1979 (Ilustração 5), ele tenha se referido ao tratamento técnico de 5.038 volumes, a dubiedade no quantitativo de obras pode ser pautada em virtude de sua oralidade, ausente dos registros oficiais da biblioteca. Ou ainda, pode-se inferir sua discrição em relação ao seu real patrimônio bibliográfico. Para ele, todos são valiosos, visto que contribuem para seus estudos e pesquisas. No entanto, existem alguns que são únicos: “*Ensaio de Crítica e Estética*”, de autoria de Álvaro de Carvalho; “*O homem, sua Vida, sua Educação, sua Felicidade*”, escrito por Silva e Melo; “*Parapsicologia Médica*”, de Samuel Pessoa; “*Ensaio da Biologia*”, do pernambucano Josué de Castro; “*Através da Medicina*”, de Clementino Fraga, e a novela “*Maria da Glória*” de Alcides Bezerra, todos oferecidos pelos autores. Há, ainda, o exemplar da edição príncipe do *Eu*, de Augusto dos Anjos, dedicado a Sinhá-Mocinha, e, por fim, a História de Brasília, um álbum impresso a cores, com duzentas fotos legendadas, com a seguinte dedicatória: “Ao caro Humberto, com um abraço de Juscelino Kubitschek. Brasília, 21 de abril de 1960”, acompanhada do autógrafo de Israel Pinheiro.

Em sua coleção, Humberto possuía também a “*Gramática Grega*” (ANEXO G), de autoria de Padre Inácio Rolim, que pertenceu a Augusto dos Anjos e foi autografada por ele; obras do paraibano Irineu Joffily, cujo proprietário foi João Duarte Dantas; “*Obras Completas, de José Lins do Rego*”, todas autografadas por ele, e o “*Discurso do seu Tempo*”, de autoria de José Américo, que fez as anotações no último volume para publicação da segunda edição.

Como o próprio Humberto fala, sua biblioteca é detentora de algumas obras raras (1977, p.9). Rodrigues (2006, p. 115) afirma que, para definir um livro raro, devem-se levar em conta, além das dificuldades de se adquirir um exemplar, os valores históricos e monetários, o que explica a forma como eles são tratados e conservados.

[...] de maneira simplificada pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, Presidentes), ou reconhecimento importantes para determinada área do conhecimento (física, biologia, matemática e outras).

Rodrigues (2006) afirma que, nas bibliotecas, para que os livros sejam considerados raros, olha-se minuciosamente: A idade cronológica, leva-se em conta a aparição da imprensa nos diversos lugares do mundo e/ou na região onde foram impressas as obras e, desta forma, justifica o princípio de que todos os livros publicados artesanalmente merecem ser considerados.

4.2 A COLEÇÃO de livros e de jornais

A Biblioteca parecia completar a vida desse homem multifacetário. Sua significativa quantidade de livros e periódicos, acumulados ao longo de sua trajetória, despertou o interesse de muitos que o conheciam, provocando admiração e respeito pelo seu passatempo - colecionar, preservar, conservar e escrever livros, como reitera a entrevistada Maria Ana Castro (2004): “O acervo que ele criou, tornou-se uma das melhores e maiores bibliotecas particular da Paraíba. E a riqueza do acervo dele que encantava as várias áreas do conhecimento humano, inclusive não só em livros, mas em revistas.”

Assim, vale elencar algumas obras que traduzem a boa qualidade da biblioteca de Humberto Nóbrega, a saber: “*Desventura ou a Honra Inficionada*”, de autoria de Presalino Lucas dos Santos. Esse livro, datado de 1868, foi o primeiro escrito e editado pela gráfica João J. da S. Braga. Nele encontra-se a seguinte inscrição: “Será breve publicada e reimpressão da presente obra.” Essas instruções foram dadas ao governador nomeado da Paraíba, Fernando Delgado Freire de Castilho, por D. Rodrigo de Souza Coutinho. Encontram-se, ainda, no Acervo de Humberto Nóbrega, do Dr. Antônio da Cruz Cordeiro, a obra “*Instruções Sanitárias Populares*”; datada de 1877, de autoria do Dr. Abdon Felinto Milanez; o livro “*Polêmica Médica sobre o Diagnóstico da Moléstia, do Sr. Tenente Coronel, Francisco Cândido Aranha Chacon*”; o “*Dicionário Biográfico de Brasileiros Célebres*” - de 1500 ao nossos dias, datado de 1871; “*A Walfredeirada*”, de autoria do professor Carlos Dias Fernandes; do escritor José Fábio, o livro “*Da Linfoterapia ao Físico-psiquismo*”; O “*Anuário Demográfico da Paraíba*”, datado de 1911 e escrito por Manoel de Azevedo Silva; um “*Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos*”, escrito por João Felipe de Sabóia Neto; de Francisco de Castro, um “*Tratado da Clínica Propedêutica* e, de Torres Homem, e outros autores, a obra “*Clínica Médica*”.

Mesmo com bibliotecárias organizando tecnicamente o acervo, Humberto estabeleceu conteúdos e classificações, privilegiando obras escritas por paraibanos e sobre a Paraíba, como depõe a entrevistada Maria de Fátima Santos:

Se fosse um livro escrito por uma pessoa da Paraíba, por um paraibano. Aqui na biblioteca a gente tem coleções especiais, a gente faz isso lá. Tudo que é que fala sobre a Paraíba a gente bota lá independente de ter sido publicado pela Paraíba, na Paraíba e por paraibano. Falou sobre a Paraíba, a gente coloca lá. E, da mesma forma era feito lá. Ele priorizava o estado da Paraíba, Se falasse sobre o estado, podia ser a mínima coisa, no livro, e ele já queria que colocasse lá. Fosse por paraibano, fosse por qualquer pessoa que falando sobre a Paraíba ele já considerava obra da Paraíba..

Convém enfatizar que é também o próprio Humberto Nóbrega que vai eleger os documentos considerados por ele os mais importantes. Ao falar para Nóbrega (1981), a exemplo do documento de José Lins do Rego, em 1956, pronunciou, na Revista “FAFI” da Paraíba sobre uma Conferência a respeito de Augusto dos Anjos. Ele levou o manuscrito para a palestra e o deu a Humberto. Um exemplar do *EU*, oferecido pelo autor - Augusto dos Anjos - à Sinhá Mocinha e a História de Brasília, que ele diz não saber qual dos dois tem mais valor. O livro mais antigo que ele possui é “*A Desventura ou Honra Inficionada*”, escrito por P. Lucas de Santos, o primeiro livro escrito e impresso na Paraíba em 1868; Jornal o “*Jornal da Paraíba*”, de 1862, e a Revista “*Philippéa*” - o n. 1 de 1º de 1905 - e o pasquim “*A Verdade, de 1900*”, e algumas fotos da vista da Estrada Nova, atual Rua da República.

As revistas, os jornais e recortes de ambos geraram uma hemeroteca¹⁰, conjuntos de jornais que se caracterizam pelo dinamismo, visto que o ritmo de impressão segue uma produção obedecendo a um período que pode ser diário, semanal ou mensal, diferentemente das bibliotecas tradicionais e das notícias veiculadas nas páginas digitais da internet e nas que chegam impressas, todas as manhãs, às mãos dos leitores.

Assim, Humberto Nóbrega mantinha em sua biblioteca coleções e exemplares avulsos de periódicos - de jornais da Paraíba e de estados vizinhos, organizados segundo a classificação:

- a) escrito em algarismo romano, referia-se aos jornais encadernados;
- b) referente aos jornais avulsos;
- c) para os recortes de publicações periódicas.

¹⁰ Parte da biblioteca onde estão ordenados os jornais, as revistas, recortes de textos veiculados em diversos tipos de mídia.

Os primeiros são: a coleção do “*Jornal da Paraíba*”, do ano de 1862 a 1888, encadernados por ano; “*Diário do Estado*”, do ano de 1915; “*A União*”, segundo semestre dos anos de 1930, 40 e 60; “*Correio das Artes*”, nas três fases; “*A Tribuna*” de 1945; o “*Estado da Paraíba*”, também de 1945, fundado por Epitacinho e, posteriormente, de propriedade do PSD; “*O Progresso*”, oficial dos alunos do Grupo Escolar Tomaz Mindello. Do município de Bananeiras: “*O Labor*”, de 1896; “*O Lápis*”, de, 1901, e “*Cidade de Bananeiras*”, de 1908; “*O Farol*”, de 1909, e a edição comemorativa do 1º centenário do “*Diário de Pernambuco*”, fundado em 7 de novembro de 1825, o jornal mais antigo da América Latina, de acordo com Maria Ana Castro Farias.

A revista “Era Nova”, os jornais da época, todos os jornais da Paraíba também que ele arquivou e guardava cuidadosamente, a parte de fotografias que era um acervo riquíssimo valiosíssimo em fotografias tudo ele guardava como prevendo exatamente isso: um patrimônio histórico a memória do trabalho dele ou do acervo dele da pesquisa para ele que tornou-se um acervo rico, vasto que qualquer pesquisador é difícil quem vá lá fazer uma pesquisa falar sobre a cidade que não recorra ao acervo de Humberto Nóbrega.

Os avulsos não obedecem a uma ordem. O primeiro número do “*Jornal do Recife*” e do “*Diário de Pernambuco*”, este em fac-simile; a folha dirigida por Eugênio Toscano e Arthur Achilles, de 1892; “*O Paraibano*”; o divulgador da Reação Republicana; “*A Tarde*”; de 1921; o “*Correio da Manhã*”; diversos números das quatro fases - a de Isaac Leão Pinto, a de Rui Carneiro, a do Cônego Maria Freire e a de Vasco C. de Toledo; Os trinta e quatro números do “*Diário da Paraíba*”, órgão oficial dos perrepistas; “*Jornal de Princesa*”, que circulou no denominado “*Território Livre*”; a cria do ‘*A União*’, de 1930; “*O Liberal*”; a união entre UDN e PR gerou em 1950 a Gazeta “*Crítica*”; para divulgar o PSD e o PL, o Jornal “*O Norte*”. Além de “*O Estado*”, de 1950; “*A Notícia*”, de 1963; “*Minerva*”, de 1933; “*Gazeta do Magistério*”, de 1959; o “*Liberdade*”, de 1952; “*O Dia*”, de 1950; “*O Jornal*”, de 1924; “*A Voz do Dia*” e o “*Diário da Borborema*”, de Campina Grande; “*Jornal da Paraíba*”, de Antenor Navarro; e “*O Rio do Peixe*”.

Após descrever essas pérolas, Humberto Nóbrega cita um exemplar de 19 de maio de 1906 do “*O Brasil*” [...] “da imprensa brasileira (sindicalizada), Bordo de Pacote Maranhão em Viagem Especial do Dr. Afonso Pena , como pomposamente anunciava no subtítulo.”

A organização dos recortes de jornais é explicada pelo próprio Humberto e vem reiterar as palavras de Sales (1991, p. 23), citadas anteriormente:

Desde a minha adolescência, meu hobby é recortar notícias ou artigos de interesse histórico, literário, artístico, humanístico, político etc. Guardava-os, inicialmente em caixas, depois evolui para escabelas e livros apropriados. Hoje, possuo 50 escabelas (incluindo as de documentos) e dezesseis volumes, com duzentas folhas cada, tamanho ofício, só com recortes. Afora, isto, guardo uma preciosidade: cobrindo

o noticiário político e administrativo da Paraíba, no período de 1917 a 1953, um ilustre e devotado conterrâneo pacientemente organizou um documentário. Posso afirmar que, nesse interregno, pouca coisa foi publicada, referente ao nosso Estado, escapou à sua tesoura. Esse benemérito paraibano ofereceu o seu tesouro a meu irmão Apolônio Nóbrega- eu o herdei. (1981, p. 1)



Outro periódico que forma a coleção de Humberto Nóbrega, como os jornais, passava por uma organização específica, conforme suas características. As revistas encontradas no acervo, de acordo com o próprio Humberto, são coleções completas encadernadas, incompletas, revistas editadas no estado, no país e algumas estrangeiras. Então, vejamos as completas, que são: “*Almanaque do Estado de Paraíba*”, “*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*”, “*Revista da Academia Paraibana de Letras*”, “*Ilustrações*”, “*Noticias Universitárias*” e “*Campus*”, essas duas publicadas pela UFPB; as incompletas são: a “*Era Nova*” – do n. 1 ao 70; “*O Cruzeiro*” - do número 1 ao 50; “*Revista da Semana*”, com quatro volumes, cada um formado por 16 exemplares; e “*Ilustração Brasileira*”, com quatro números alusivos ao Centenário da Independência e de “*O Cruzeiro*”, e “*Revista da Semana*” há uma edição especial relacionada à Revolução de 30.

O conjunto estrangeiro é formado por “*O Norte*”, impresso nos Estados Unidos, em espanhol, de circulação mensal, cujo primeiro número foi publicado em março de 1945 a outubro de 1947. Além do “*Em Guarda*”, magazine, também editado pelos americanos durante a II Guerra Mundial.

Afora as paraibanas citadas, existe a “*A Philipeia*”, a primeira revista publicada na Paraíba, que estreou em 02 de julho de 1905, e hebdomandário “literário, agrícola, político, religioso, científico, artístico, industrial e humanístico”; “*Boletim da Sociedade dos Professores Primários da Paraíba*”, de 1920; “*Menina*”, de 1932; “*Revista da Associação Comercial da Paraíba*”; “*Manaíra*”, de 1940; “*Cabo Branco*”, de 1966; “*Paraíba Agrícola*”, de 1923; “*Medicina*”, de 1931; “*Revista Médica da Paraíba*”, de 1936; “*Vida e Cultura*”, de 1958; e “*Extraordinária*”, de 1969.

Além dos referidos periódicos, minucioso como sempre, Humberto apresentava, na sua hemeroteca, reportagens inteiras encadernadas por assunto: *Às vezes a gente estava lá mexendo nos livros ai entortava um pedacinho de uma folha ele vinha e ajeitava consertava a folha virava*, reiterou Fátima Santos.

A Biblioteca particular de Humberto Nóbrega, como ele mesmo expressa, abriga também os que são considerados pasquins de festa, que se caracterizam por apresentar cenas em forma de caricatura dos rapazes da época endeusando as moças, a exemplo da tradicional Festa das

Neves, na capital da Paraíba. Foi com a leitura do pasquim “*Nonevar*” que encontrou inspiração para escrever a obra “*Augusto dos Anjos e sua Época*”, que aparece na sua coleção em número maior, como transcrito a seguir:

Esse gosto pelo proveio da leitura de **Nonevar**, para meu ensaio **Augusto dos Anjos e sua Época**. Minhas coleções desses jornaizinhos são vultosas. Vejamos tais coleções, obedecendo à ordem cronológica. **A Verdade**, 1900 – **Nonevar**, 1908 a 1914 – **Noneval**, 1911 – **O Chique**, 1913 – **Nonevar** de 1914 – **Diário das Neves**, 1914 de 1914 – **A Lanceta**, 1915 – **Nonevar Antigo** 1917 – **Gazeta da Festa**, 1914 a 1923 – **O Halo**, 1919 – **Jornal da Paraíba**, 1919 – **O Almofadão**, 1919 – **O Sol**, 1922 – “**A Bomba**” e “**Estupim**”, 1926 – **Esmeralda**, 1945 – **Primavera**, 1947 – **Rua Nova**, 1948 – **Jornal das Moças**, 1949 – e o **Satélite**, 1963. **O Almofadão** só criou um número apreendido pela polícia. Dizia-se que o seu diretor, Carlos Dias, foi quem sugeriu a providência, para suspense e valorização da folha. Os mais violentos foram “**A bomba**” e “**O Estupim**”. Aquele circulou a 5 de agosto, no encerramento do novenário, para atacar João da Mata e João Dantas. Esses, porém, revidaram no dia seguinte, quando não havia mais festa, com **O Estupim**. (NÓBREGA, H. *apud* NÓBREGA, 1981, p. 21)

4.3 A DOCUMENTAÇÃO

Não se fala da BHN sem citar a documentação histórica nela contida. O próprio Humberto diz: “Minhas coleções de documentos não é vultosa, mas apresenta algumas raridades”. E completa:

O mais antigo deles é um diploma datado de 20 de julho de 1818, pelo qual “Dom João. Por Graça de Deos. Rey do Reino Unido de Portugal, e do Brazil e dos Algarves, D’aquem e D’Além Mar, em África, Senhor do Guiné, da Conquista, Navegação, Comércio da Ethiopia, Arábia, Pérsia e Índia etc.”, concedia licença a um súdito para “exercer a arte Cirurgia, nos Meus Reinos e Senhorio”. [...] Carta de confirmação, assinada por Dr José Correia Picanço, cirurgião-mor do Reino Unido, lente jubilado pela universidade de Coimbra, e considerado o país da medicina brasileira, autorizando um provisionado “sangrar, sarjar, lançar, ventosas e sanguexugas em todos os domínios e senhorios portugueses. (NÓBREGA, H. *apud* NÓBREGA, 1981, p. 25)

O referido escritor assinala que, desses documentos, fazem parte, ainda, cartas assinadas pela Princesa Isabel, na regência, por Dom Pedro II, Cartas e títulos nobiliárquicos, da Guarda Nacional, portaria de nomeações e ofícios despachados pelos presidentes da província. Outros valiosos, também, são os Termos de Juramento e Posse que, perante o Conselho Municipal desta

Cidade, prestados diante dos Chefes do Poder Executivo da Paraíba, são registrados numa sequência de 2 de maio de 1882 até 22 de outubro de 1896. Mesmo que, nesse intervalo, o país tenha passado por mudanças de Monarquia para República para a junta Governamental até a exoneração. Esse material chegou às mãos do Dr. Humberto, através do seu amigo, Dr. Nilton Almeida, que o encontrou no lixo.

4.4 ARQUIVO POLÍTICO

Humberto Nóbrega assinala, em Nóbrega (1981), que foi presenteado pelo cliente e amigo Emanuel Jaime Seixas, que tinha por *hobby* colecionar jornais e revistas que falassem sobre a História da Paraíba e não sabe por que, um dia, ele os deu de presente. Assim, estes vieram se juntar aos que ele possuía, como o mais antigo boletim de 28 de julho de 1904, assinado por Arthur Achilles, onde ele denunciava aos paraibanos o empastelamento dos jornais “O Comércio” e o “Combate”, e que o mais veemente não é datado mas é de 1912, já que comunica a candidatura do coronel Rêgo Barros à presidência do Estado, assinado pelo desconhecido “Os Carbonários”. Há, ainda, “O Órgão de dona Didi” que, de acordo com HN, tinha por objetivo “desfazer as gabolices do juiz que furta mente e calunia”. Porém os de valores especificamente históricos são os que seriam lançados em 5 de fevereiro de 1926, e que foram apreendidos pelas autoridades, assinados pelo general Miguel Costa, o coronel Carlos Prestes, o primeiro tenente Aristóteles de Souza Dantas e L. Seroa da Mota. O documento é dirigido “Ao povo paraibano”, por ordem do generalíssimo Isidoro Dias Lopes.

Faltavam ainda oito anos para a comemoração do centenário da fundação do município de João Pessoa, e Humberto Nóbrega já pensava como poderia fazê-lo. Pensava até que poderia não estar mais vivo, mas que deixaria uma documentação fotográfica, como 215 flagrantes e, em relação à História propriamente dita, deixaria 425 fotos, entre elas, as de pessoas que, de alguma forma, foram destaques na história de João Pessoa, fatos de caráter, cívico, político e social, todas de um mesmo tamanho e com anotações no verso. Falou também das fotos referentes à Revolução de 30 - só de Princesa são 42. Lamentou não possuir nenhuma imagem do presidente Epitácio Pessoa, embora o estado tenha recebido a visita de onze presidentes da República, mas que ainda pretendia preencher essa lacuna em seu acervo.

5 (IN) CONCLUSÕES

*Tropeçavas nos astros desastrada
Sem saber que a ventura e a desventura
Dessa estrada que vai do nada ao nada
São livros e o luar contra a cultura.
Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor tátil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários,
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
Ou lança-los pra fora das janelas
[...] Encher de vãs palavras muitas páginas*
(Caetano Veloso)

No início deste trabalho, escrevemos sobre as lembranças olfativa, visual e sensória, guardadas em nossas memórias. Agora, nessas (in) conclusões, acrescentamos a memória afetiva, que diz respeito ao envolvimento com pessoas do relacionamento de Humberto Nóbrega - filhos, netos, amigos - tecendo uma rede social na qual, também, agora estamos efetivamente incluídas, fazendo com que cada palavra dita gere uma familiaridade na história de Humberto Nóbrega e clame por outros pontos.

No momento em que se deve dar por concluído o trabalho, olhando para os alfarrábios acumulados ao nosso lado, e em lugares indizíveis de nossa casa, temos um sentimento de que aqui começaria o nosso trabalho, pois muito temos ainda por pesquisar, descobrir, analisar e registrar a respeito desse homem, de sua vida e obra, com tantos feitos e encantamentos para os que com ele conviveram e que, nos próximos dias, completará cem anos. Assim afirmamos, puxamos apenas o fio de uma meada!

E como Sherazade, todo dia temos uma história de Humberto Nóbrega para contar, só que, em vez de ser para nos proteger e não morrer, tornou-se um motivo para completar a história desse homem, tão dedicado à sua terra, aos seus conterrâneos e às suas histórias.

Nesse tempo, tentamos analisar o objeto de estudo, acreditando que, para isso, seria necessário “dissecá-lo”, como era a nossa pretensão. Constatamos, porém, que é impossível conhecer profundamente algo ou alguém, principalmente um homem de comportamento tão peculiar, como Humberto Nóbrega, sobretudo, em se tratando de um trabalho de conclusão de curso de graduação, cujo machado simboliza o curto espaço de tempo que exerce força nesse entalhe.

Por outro lado, reitera-se a necessidade de estudos dessa natureza, que privilegiem as bibliotecas particulares ou privadas, como campos de estudos biblioteconômicos, contribuição que se estenderia para a história e demais ciências sociais e humanas. Pensar esse campo de estudo é vincular o que com o quem da leitura, é possibilitar compreender na práxis a história das ideias e colaborar para ampliar o campo da história cultural no estado da Paraíba.

E como o menino relatado por Battles (2003), encontramos-nos perdidos nas estantes, tentamos subir ao topo da escada, não para tapar o buraco e proteger os livros ali sepultados, mas para mostrá-los mais a quem “interessar possa”. Sabendo que falar de Humberto Nóbrega não pode nem deve ser exclusividade, mas certamente é gratificante, e tudo o que foi dito, confiado em forma de escrita e transcrito por nós representa o interesse da vida desse paraibano.

Dessa forma, a sensação de infinitude que a história desse médico, pai, avô, amigo e chefe reforça nossa crença duradoura na “imortalidade” de cada ser por si mesmo de forma atemporal. Razão por que esperamos que a história de Humberto Nóbrega não sofra efeito de descontinuidade. E que o seu legado deixado aos paraibanos, em forma de trabalho, arquivo e obras literárias não se resuma apenas a uma herança humilde e espantosa, mas ao conhecimento que todos nós testamos e comprovamos todos os dias.

Espera-se, ainda, que este trabalho seja unido a outros, na expectativa de uma maior compreensão do que representam os momentos de construção e desenvolvimento de uma biblioteca particular. Nesse sentido, ancoramo-nos em João Cabral de Mello Neto (1967, *apud* KRAMER, 1993. p. 23), quando refere que

*Difícil é saber se aquele homem
já não está mais aquém do homem
ao menos capaz de roer os ossos do ofício;
capaz de sangrar na praça; capaz, capaz
de ter a vida mastigada e não apenas dissolvida
(naquela água macia que amolece seus ossos
como amolece as pedras).*

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Cristina. Memórias de uma guardadora de livros. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

BATTLES, Matthew. A conturbada história das bibliotecas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BRASIL. Decreto nº 5.683 de 29 de setembro de 2008. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivil/> >. Acesso em: 20 de abril de 2010.

BRITO, Gilvan de. A UNIÃO, João Pessoa, 22 de out. 1971.

CAMPOS, Arnaldo. Um livreiro de todas as letras. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. As cinco leis da Biblioteconomia e o exercício Profissional. Disponível em: <www.conexaorio.com>. Disponível em 01 de agosto de 1995.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. 2. ed. São Paulo: Record, 2003.

DARTON, Roberto. O beijo de lamoolette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: companhia das Letras, 1995.

DELGADO, Márcia Cristina. Cartografia sentimental de selos e livros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DITADURA Militar no Brasil. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>> Acesso em: 04 de jun de 2010.

FALCON, Francisco. História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERRARI, Bruno; DEODATO, Livia; PEREIRA, Rafael. Um livro que não acaba. Época, n. 559 semanal out.2009.

FONSECA, Edson Nery da. Introdução à Biblioteconomia. São Paulo: Pioneira, 1992.

_____. A Biblioteconomia brasileira no contexto social. Rio de Janeiro : tempo brasileiro, 1979

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? 2. ed. Passagens: Lisboa, 1992.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1. ed Rio de Janeiro : 2009

IFLA. UNESCO. Manifesto da biblioteca escolar, 1999. Disponível em: <http://www.ifla.org/VII/s/pubsschollmanif.htm>. Acesso em: 01 de abril/2010.

JACOB, Christian. Prefácio. In: O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

KRAMER, Sonia. Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993. 213.

LEAL, José. Dicionário Biobibliográfico paraibano. João Pessoa: FUNEP.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 405p.

MEIHY, José Carlos Sede Bom. Manual de história oral. 2.ed. São Paulo: Loiola, 1998.

MELLO, José Baptista de. Evolução do ensino na Paraíba. 2. ed. João Pessoa : Imprensa Oficial, 1956. (Coleção Arquivos Paraibanos).

MILANESI, Luis. O que é biblioteca. 9. ed. 1993. São Paulo: Brasiliense (Coleções primeiros passos).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Org. Pesquisa social: teoria e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINDLIN, José. Memórias esparsas de uma biblioteca. Florianópolis: Escritório do Livro, 2004. 125p. (Coleção Memória do Livro).

MORAES, Rubens Borba de. Livros e biblioteca no Brasil colonial. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

_____. O Bibliófilo aprendiz. 3 ed. Brasília: Casa da palavra, 1998.

NÓBREGA, Evandro. Os incríveis arquivos do Dr. Humberto João Pessoa: Universitária, 1981.

NOBREGA, Humberto Carneiro da Cunha. História da faculdade de medicina da Paraíba. João Pessoa: Universitária, 1980. v.1.

_____. Discurso de Posse. IHGP, n. 16, 1968, p. 44.

_____. A biblioteconomia brasileira no contexto mundial. Brasília: [s.n.], 1979.

_____. As raízes das ciências da saúde na Paraíba. João Pessoa: Universitária, 1979

_____. Curriculum Vitae, João Pessoa: 1971.

_____. História de uma cadeia transformada em palácio. João Pessoa: A União, 1962.

O DIARIO DE PERNAMBUCO. Disponível em: <<http://www.pernambuco.com/diario/historia.shtml>>. Acesso em: 01 de maio de 2010.

O nome da rosa o filme <http://www.adorocinema.com> Acesso em 06 de junho de 2010.

OLIVEIRA, Bernardina M. J. Freire de. Conversa sobre normalização de textos acadêmicos. João Pessoa: Universitária, 2007.

PEETERS, Irmã Francisca; COOMAN, Madre Maria Augusta de. Pequena história da Educação. 6ed. São Paulo : Melhoramentos, 1965.

PISCIOTA, Kátia. Redes sociais: articulação com os pares e com a sociedade. In: POBLACIÓN, Dinah; WITTER, Geraldina Porto et al (Orgs). Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. pesquisa social: métodos e técnicas. 3ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade do Rio Grande do Sul. Ciência da Informação, Brasília, v.35, n.3, p.115-121, jan/abr.2006.

SALES, José Borges. Humberto Nóbrega: esboço de um retrato. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó: Argos, 2001.

SUASSUNA, Ariano. In: NÓBREGA, Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega. Arte colonial na Paraíba: Igreja e Convento de Santo Antônio. João Pessoa: UFPB, 1974.

TEIXEIRA, Cleber; BRUCHARD, Dorothée. In: MINDLIN, José. Memórias esparsas de uma biblioteca. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Florianópolis. 204p. (Coleção Memória do Livro).

TRIGUEIRO, Oswaldo. A Paraíba na Primeira República. João Pessoa: A União, 1982

TUFANO, Douglas. Guia prático da nova ortografia. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista

PESQUISA: Humberto Nóbrega: um homem, uma história e uma vida

OBJETIVO GERAL: Estudar a vida e obra de Humberto Nóbrega sob a perspectiva histórica, sociológica e cultural

Pesquisadora: Rosane Coutinho Pereira Lacet
roscopeila.medieval@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Bernardina Freire

CONTEXTO:

A entrevista foi realizada no dia 21/07/2004, às 09h00m (quarta-feira) na residência do entrevistado na cidade de João Pessoa/PB, situada a Rua Armando Pessoa, 301 – Bairro 13 de Maio. Utilizou-se como instrumento para a gravação um Gravador de áudio, marca Panasonic com fita K7. A entrevista durou aproximadamente 01(uma) hora. Utilizou-se um roteiro semi-estruturado, permitindo atender a desenvoltura da entrevista em relação ao tema. Durante a transcrição, quando e, se necessário utilizou-se o travessão (____) para expressar palavras que não foram compreendidas. Para fins de abreviatura utilizaremos as expressões entrevistado (a) e entrevistadora. As palavras presentes entre colchetes [...] referem-se a acréscimos necessários ao entendimento do texto.

Entrevistado:

Entrevistadora: Rosane Coutinho Pereira Lacet

APÊNDICE B - Apresentação

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

João Pessoa, 05 de junho de 2010.

Ilmº Sr.

Pelo presente solicitamos o apoio no sentido de conceder entrevista a aluna Rosane Coutinho Pereira Lacet, concluinte do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, ora sob minha orientação, e, em elaboração, de seu Trabalho de Conclusão de Curso cujo objetivo consiste em estudar a vida e obra de Humberto Nóbrega, o que esperamos com isto contribuir para a memória do ilustre paraibano. Para tanto solicitamos ainda autorização por escrito para uso e disponibilização da entrevista concedida, conforme formulário anexo.

Na certeza de contar com o apoio agradecemos.

Atenciosamente,

Profa Dr^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

APÊNDICE C - Carta de cessão**CARTA DE CESSÃO**

Eu, _____, profissão, residente e domiciliado em _____, venho, por meio desta, ceder os direitos de minha entrevista, gravada, datada de _____ para as pesquisadoras Rosane Coutinho Pereira Lacet, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira e a Universidade Federal da Paraíba através do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), para usá-la integralmente ou em parte sem restrição de prazos e limites de citação, desde que citada a fonte. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, desde que citada à fonte a e data.

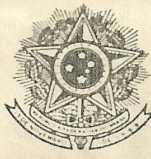
Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que vai por mim datada e assinada.

(nome e assinatura do entrevistado)

Local e data

ANEXO A - Atestado de óbito

REPÚBLICA DO BRASIL



CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

ESTADO DE Paraná

COMARCA DE João Pessoa

MUNICÍPIO DE João Pessoa

DISTRITO DE Sambau



Oficial F.B. do Registro Civil

Certidão de Óbito

CERTIFICO que, em data de 18 de junho de 1988, no Livro V, à fls. 121, sob o N.º 191, foi feito o Registro de óbito de Lumberto Carneiro da Cunha Nobrega falecido em 17 de junho de 1988, às 23:30 horas, nest Capital João Pessoa n.º 2838 Sambau do sexo masculino de cor branca, profissão médico natural de João Pessoa PB domiciliado e residente a mesma com selembenta anos de idade, estado civil casado, filho de des falecidos: Francisco de Gouveia Nobrega e Sr.ª Maria da Cunha Nobrega tendo sido declarante Dr. José Francisco de Novais Nobrega e o óbito atestado pelo Dr. Roberto Nobrega que deu como causa da morte insuficiência respiratória. Acidente vascular cerebral anterior e o sepultamento foi feito no cemitério de rose di Fuca. Insuficiência = Boa sentença Observações: cardíaca - Insuficiência nesta Capital coronária crônica Deixou bens; deixou dois filhos: Dr. José Francisco de Novais Nobrega e Maria da Piedade Nobrega e deixou viúva a Sr.ª Maria Nazaré de Novais Nobrega.

O referido é verdade e dou fé.

Sambau, 18 de junho de 1988

Joana Bessa Veloso

Oficial

ANEXO B - Certidão de casamento


 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
 ESTADO DA PARAÍBA
 Cartório Azevêdo Bastos — Palácio da Justiça — João Pessoa
 BERTHA AZEVEDO DE MIRANDA
 Escrivã do Registro Civil
 ENIVALDO DE MIRANDA CAVALCANTI
 substituto

CERTIDÃO DE CASAMENTO

A escrivã do 1.º Cartório de Registro Civil da Comarca de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, em virtude da lei, etc.

CERTIFICA que à fls. 90v do livro 13-24 deste cartório, consta que sob número 3425 foi lavrado no dia 30 de novembro de 1940.

o assentamento do casamento dos contraentes de nomes: doutor Humberto Carneiro da Cunha Nobrega e Maria Nazare de Novaes que adotou o nome de Maria Nazare de Novaes Nobrega pelo regime da comunhão de bens realizado no dia 30 de novembro de 1940.

celebrado pelo exmo. juiz dr. Manoel Maria de Vasconcelos no prédio 149 da Rua da Palmeira, desta Capital.

Perante as testemunhas dr. João Gonçalves Texeira de Medeiros e esposa, Americo Falcão e esposa, dr. Otávio Balça de Novaes e esposa, além de outras.

QUALIFICAÇÃO DOS CONTRAENTES:

O NUBENTE	A NUBENTE
estado civil <u>solteiro</u>	estado civil <u>solteira</u>
profissão <u>médico</u>	profissão <u>ocupações domésticas</u>
residência <u>nesta Capital</u>	residência <u>nesta Capital</u>
filho <u>legítimo dos falecidos dr. Francisco de Gouveia Nobrega e Maria da Cunha Nobrega; nascido no dia três de fevereiro de mil novecentos e doze (3-2-1912) nesta Capital, aqui registrado.</u>	filha <u>legítima do desembargador José Ferreira de Novaes e da falecida Maria Guilhermina de Novaes; nascida no dia dezesseis de julho de mil novecentos e quatorze (16-7-1914) nesta Capital, aqui igualmente registrada.</u>

Observações: Os nubentes habilitados na forma da lei.

ANEXO C - Foto do Casamento

Foto do casamento de Humberto Nóbrega e Maria Nazaré
Acervo: Maria Piedade

ANEXO D - Livro de chamada do Lyceu

[illegible]

ANEXO F - Documento com a assinatura da Princesa Isabel

A Princesa Imperial Regente,
em Nome do Imperador o Senhor
D. PEDRO SEGUNDO,

Faz saber aos que esta Carta virem que, *Deveremos distinguir*
e honrar a Ilmo. Elcdo. Carneiro da Cunha

Ha por bem Fazer lhe mear de Titulo de
Barão de Abiahy

E Quer e Manda que o dito Ilmo. Elcdo. Carneiro da Cunha

L' aqui em diante se chame Barão de Abiahy
e que com o referido titulo goze de todas as honras, privilegios, isenções, liberdades
e franquizas, que hão e têm e de que uzam e sempre uzaram os *Seus...*
e que do direito lhe pertencerem. E por firmeza de tudo o que dito é, *lhe Mandou*
desta Carta, por Ella assignada, a qual será sellada com as Armas
Imperiaes.

Fada no Palacio do Rio de Janeiro, em dia
de Agosto de mil oitocentos e oitenta e oito, *searagesimo* *setima*
da Independencia e do Imperio.

Princesa Imperial Regente

João Fernandes da Costa Carneiro Junior

CARTA *para qual* Vossa Alteza Imperial
Deu por Bem Fazer mear de Titulo de Barão de Abiahy
ao Ilmo. Elcdo. Carneiro da Cunha, *como acima*

ANEXO G - Gramática grega



EXTRACTO

DE

GRAMMATICA GREGA

EN SUA PRIMITIVA PUREZA,

SEGUNDO O METHODO ADOPTADO PR. FREI CUSTODIO DE FARIA,

PROFESSOR DE GREGO E HEBRAICO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

CONTENDO

SOMENTE O QUE É MAIS SIMPLES, E MAIS ESSENCIAL

AO ESTUDO DA LINGOA GREGA ANTIGA;

AO QUE SE AJUNTA

UM CATALOGO DAS ABREVIATURAS MAIS USUAES
NOS ANTIGOS CODICES.

807.5

PARIS

NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLON,

IMPRESSOR DO IMPERADOR,

RUA GARFENCIERE, 8.

1856

ANEXO H - Fotobiografia

Registro de Professor
Acervo: Maria Piedade

200

POLÍCIA DO ESTADO DA PARAHYBA

Gabinete de Identificação e Estatística

Carteira de Identidade

Parahyba, (Brasil) 23 de Dezembro de 1931
Registro nº 1002
Nome Quirino Carneiro da Cunha Nobrega
Filho de Francisco da Cunha Nobrega e de
Maria da Cunha Nobrega
Idade 19 anos nascido em 3 de Dezembro
de 1912 Nacionalidade brasileira natural de João Pessoa
Parahyba Estado civil solteiro Profissão estudante
Residência João Pessoa Parahyba Instrução Sum Estatura 1 m 67

INDIVIDUAL DACTYLOSCOPIA.
Serie C-2332
Secção 7-3-222

MARCAS E SINAES PARTICULARES E VEMIE NA LIDA
ORDINARIA

NOTAS CHRONATICAS
Cor branca { Bigode nao apapar
Cabellos curtos { Sobr as Catadas
Barba nao fazer { Olhos escuras

Não é valida a photographia que não levar o sinete do Gabinete.

Photographia tirada em 23 de Dezembro de 1931

IMPRESSÃO DOS DEDOS DA MÃO DIREITA

Carteira de Identidade
Acervo: Maria Piedade

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
DIRETORIA DE ENSINO INDUSTRIAL



CERTIFICADO DE REGISTRO DE PROFESSOR N.º 455

HUMBERTO CARNEIRO DA CUNHA

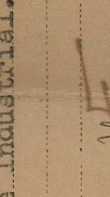
NOME NORRÊGA.

CURSO Técnico

NATUREZA DAS DISCIPLINAS Cult. Téc.

DISCIPLINAS Higiene Industrial.-

DATA 13. / 9. / 1946.


(Ass. do Diretor)

Humberto Carneiro da Cunha
(Ass. do Professor)

[illegible]

Carteira do Ministério da Guerra
Acervo: Maria Piedade

L131h Lacet, Rosane Coutinho Pereira.

Humberto Nóbrega: um homem entre livros / Rosane Coutinho
Pereira Lacet. - - João Pessoa : [s.n], 2010.

89 f.: *il.*

Orientadora: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.
Monografia (Graduação) – UFPB/CCSA.

1. Biblioteca particular. 2. Humberto Nóbrega. 3. Biografia.

UFPB/BC

CDU: 025(043.2)
